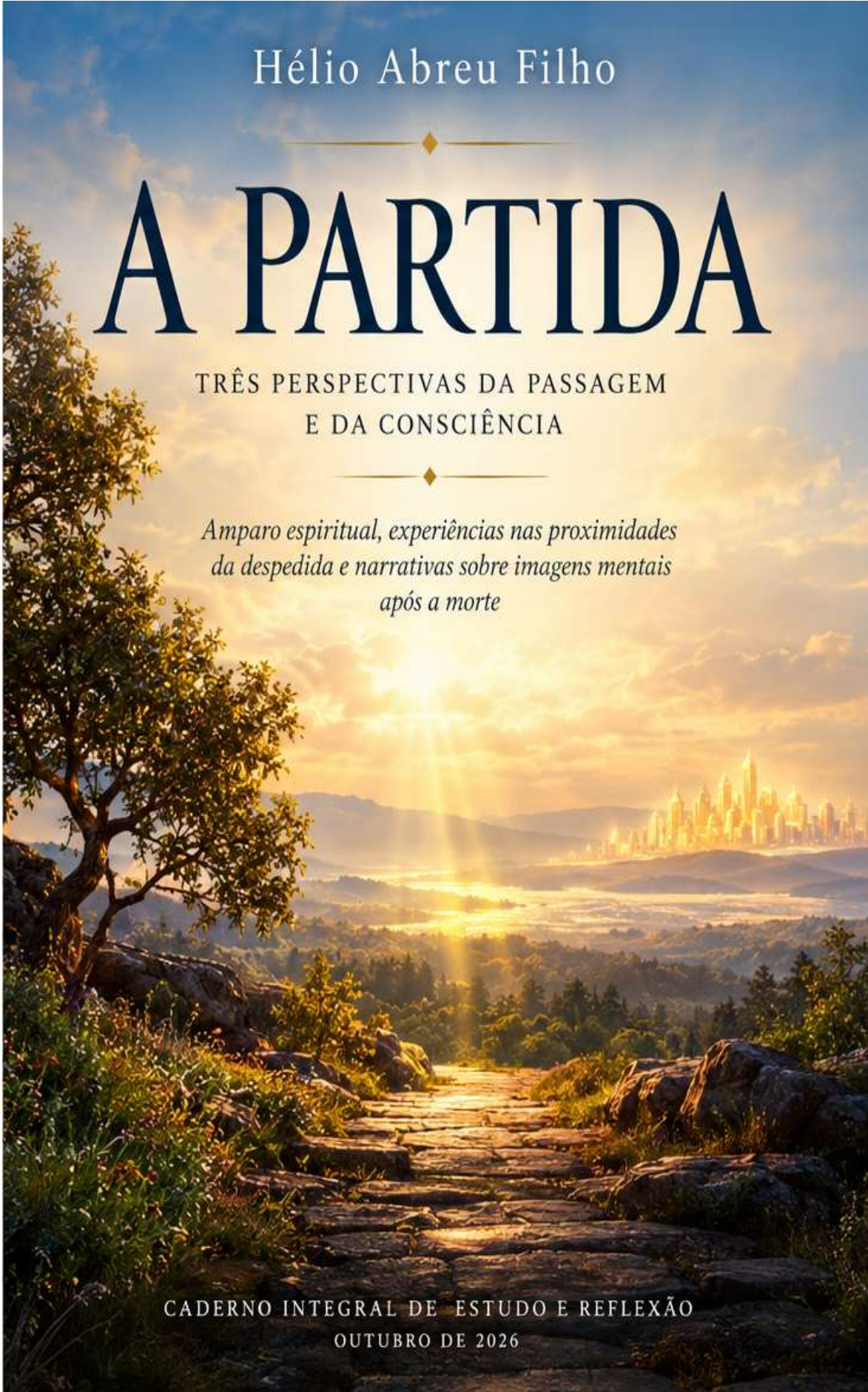


The background of the book cover is a photograph of a landscape at sunset or sunrise. A stone path leads from the bottom center towards the horizon. On the left, there is a large, leafy tree. In the distance, a city skyline is visible on a hill, illuminated by the golden light of the sun. The sky is filled with soft, golden clouds.

Hélio Abreu Filho

A PARTIDA

TRÊS PERSPECTIVAS DA PASSAGEM
E DA CONSCIÊNCIA

*Amparo espiritual, experiências nas proximidades
da despedida e narrativas sobre imagens mentais
após a morte*

CADERNO INTEGRAL DE ESTUDO E REFLEXÃO
OUTUBRO DE 2026

A morte não é o fim da vida. É uma passagem.

A PARTIDA reúne três perspectivas complementares sobre a desencarnação e a continuidade da consciência, à luz da literatura espírita, de testemunhos mediúnicos e de reflexões morais.

A primeira parte apresenta narrativas de assistência espiritual a pessoas nas proximidades da morte, extraídas de *Obreiros da Vida Eterna*, obra atribuída ao Espírito André Luiz.

A segunda parte examina experiências da consciência enquanto a existência corporal ainda prossegue, considerando o papel das lembranças, das convicções e das emoções, em diálogo com a doutrina espírita e com os conhecimentos médicos sobre o fim da vida.

A terceira parte traz narrativas inspiradas em experiências mediúnicas do autor, com imagens e sequências que convidam a refletir sobre hábitos, afetos, memória, convivência e renovação.

Sem pretender descrever uma sequência universal da morte, este caderno procura oferecer amparo, informação e serenidade aos que acompanham uma despedida, preservando o respeito à experiência singular de cada Espírito e valorizando o amor, a escuta e a responsabilidade da consciência.

—◆—
*Compreender a passagem pode nos ajudar
a viver melhor o tempo que temos.*

Hélio Abreu Filho

Pesquisa e reflexão

www.helioabreufilho.com.br

ISBN 978-65-000000-0-0



A PARTIDA

TRÊS PERSPECTIVAS DA PASSAGEM E DA CONSCIÊNCIA

Amparo espiritual, experiências nas proximidades da despedida
e narrativas sobre imagens mentais após a morte

Hélio Abreu Filho

Outubro de 2026

www.helioabreufilho.com.br

APRESENTAÇÃO

A Partida reúne três perspectivas de um mesmo acontecimento humano: *o amparo espiritual* narrado junto àqueles que se aproximam da morte; *as experiências atribuídas à consciência* enquanto a vida corporal ainda prossegue; e *as imagens e vivências* que, na interpretação espírita, suscitam perguntas sobre a memória, os sentimentos e a continuidade da existência. Não são etapas obrigatórias nem uma sequência que se possa atribuir a todas as pessoas. São campos distintos de estudo, aproximados pela preocupação de compreender a despedida sem reduzir a pessoa ao estado de seu organismo.

Ao organizar o material, procurei observar dois compromissos. O primeiro foi a fidelidade ao conteúdo das fontes: não atribuir a personagens palavras que não pronunciaram, nem apresentar como acontecimentos documentados aquilo que constitui elaboração do autor. O segundo foi a prudência diante dos fenômenos: acolher o testemunho de quem os viveu, examiná-lo à luz da Doutrina Espírita e reconhecer, quando necessário, que a interpretação permanece aberta. *A convicção religiosa não dispensa o cuidado com o que efetivamente sabemos.*

A **Parte I** apresenta cinco episódios de ***Obreiros da Vida Eterna***, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier e atribuída ao Espírito André Luiz. Adelaide, Dimas, Fábio, Cavalcante e Albina, embora unidos pela proximidade da desencarnação, apresentam histórias, crenças e dificuldades diferentes. Suas experiências foram recontadas em linguagem própria, preservando os acontecimentos centrais e os desfechos narrados na fonte. O interesse do estudo não está em estabelecer um modelo de morte ideal, mas em compreender como a assistência, o afeto, a confiança, as responsabilidades e a reconciliação compõem em circunstâncias singulares. Percebi, ao desenvolver esta parte, uma relação particular entre a obra e a história de meus pais, Hélio e Regine: seu título também remete à **SEOVE** – *Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna*, de cuja constituição estatutária meus pais se encarregaram e cuja vida institucional conduziram, a partir de 1972. O trabalho assistencial havia sido iniciado por Alcides Abdala em 1970.

Na **Parte II**, retomo as pessoas já designadas em Obreiros da Vida Eterna, sob outra indagação: o que as narrativas permitem considerar sobre a atividade da consciência nas proximidades da partida? A excursão descrita por André Luiz, especialmente no capítulo 12 da obra mencionada, oferece elementos para comparar reações muito diferentes diante de uma experiência compartilhada. O exame é acompanhado de referências a Allan Kardec e de uma aproximação cautelosa com observações clínicas sobre sonhos, percepções e alterações da consciência no fim da vida. A aproximação entre esses campos serve ao esclarecimento; não significa que possuam a mesma natureza ou o mesmo valor de prova.

A **Parte III** traz para o centro do trabalho experiências que eu relatei em *A Rede de Sentimentos e Emoções* e as representei por meio de desenhos. Elas se apresentaram à minha percepção como cenas em movimento, semelhantes a filmes; em outras, senti-me participante do que acontecia. *As ilustrações conservam fragmentos dessas vivências*, pois buscam esboçar algum dos momentos desta experiência espiritual. Oito histórias foram compostas como reconstruções literárias apoiadas em elementos identificáveis dos registros; as duas últimas retomam experiências narradas de maneira mais direta. *Em nenhuma delas a reflexão moral deve ser confundida com uma mensagem cuja autoria espiritual esteja comprovada.*

O procedimento empregado é, portanto, documental, comparativo e interpretativo, com recursos narrativos explicitamente identificados. Parte de obras publicadas, coteja episódios e referências doutrinárias, distingue o testemunho da reconstrução literária e procura separar a descrição de uma ocorrência das explicações possíveis para ela. Não se trata de pesquisa experimental, diagnóstico clínico ou demonstração científica da sobrevivência da consciência. A contribuição que busquei oferecer situa-se na organização criteriosa dessas experiências e na reflexão humana e moral que elas autorizam, dentro de seus limites.

Encontro na atitude investigativa de Allan Kardec uma referência de responsabilidade: não confundir a importância de uma manifestação com a certeza de sua origem, nem tomar uma hipótese explicativa como conclusão definitiva. Procurei conservar essa exigência ao longo do livro, sobretudo quando o material provém de minhas próprias percepções. **O leitor** poderá reconhecer nelas interesse doutrinário ou interpretá-las de outro modo, sem que por isso se perca o valor de examiná-las com respeito, serenidade e discernimento.

O **epílogo** aproxima o estudo de uma experiência familiar. Ao recordar a vida e os últimos meses de minha mãe, Regine Abreu, retomo a despedida não mais impregnado com a vivência do personagem de uma narrativa mediúnica, mas como filho que testemunhou a dedicação ao serviço, a fragilidade do corpo, o cuidado recebido e um último encontro de olhares. É uma memória afetiva, apresentada com a mesma reserva que orienta as demais páginas: não posso afirmar conhecer integralmente aquilo que outra consciência experimentou.

Desejo que esta obra ofereça ao leitor critérios para refletir, sem prometer respostas definitivas. A *confiança espírita* na continuidade da *vida eterna* pode conviver com a humildade diante do desconhecido. E a atenção aos fenômenos não deve afastar o essencial: *acompanhar quem parte com dignidade, cuidar de quem permanece e reconhecer a história humana que cada vida encerra.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (8)

PARTE I — A assistência espiritual aos que estão morrendo (10)

Reúne as cinco narrativas de Adelaide, Dimas, Fábio, Cavalcante e Albina. Examina o auxílio espiritual descrito nesses relatos, os sentimentos envolvidos na despedida e as condições que podem favorecer a serenidade.

PARTE II — A consciência nas proximidades da desencarnação (32)

Investiga as experiências de encontros, visitas, percepções perturbadoras, atividades de serviço e aprendizagem. Procura compreender como lembranças, convicções, sentimentos e expectativas podem participar dessas experiências.

PARTE III — Os filmes da consciência (53)

Apresenta dez histórias ilustradas, construídas a partir de registros publicados por Hélio Abreu Filho em *A Rede de Sentimentos e Emoções*. Examina os sentidos possíveis de imagens e experiências interpretadas pelo autor como mediúnicas, distinguindo testemunho, reconstrução literária e reflexão moral.

EPÍLOGO — A PASSAGEM: Momentos em família de Regine Abreu (86)

Memória de um filho sobre a família, o cuidado e os últimos meses de sua mãe.

INTRODUÇÃO

Aos familiares e a quem acompanha uma despedida

A proximidade da morte modifica a vida de quem parte e de quem permanece. Mesmo quando a família conhece a gravidade de uma enfermidade, surgem perguntas que raramente encontram respostas suficientes nas informações clínicas: o que sente aquela pessoa? Por que parece conversar com alguém que não vemos? O que a tranquiliza? Como permanecer ao seu lado sem aumentar os próprios receios nem os dela?

Há um território da despedida que se revela nos gestos mais simples. O enfermo que procura uma mão, a lembrança inesperada de alguém distante, o pedido de perdão, a oração pronunciada com dificuldade ou o silêncio de quem parece recolhido em pensamentos que não consegue comunicar. Ao redor do leito, os familiares tentam compreender esses sinais. Muitas vezes, entretanto, seus próprios sentimentos interferem na escuta: o desejo de conservar a presença amada convive com o reconhecimento de que o corpo já não responde como antes.

Para a compreensão espírita, a morte do corpo não representa a extinção do Espírito. Essa convicção oferece esperança e um horizonte de responsabilidade moral, mas não nos concede conhecimento imediato sobre tudo o que ocorre na intimidade de alguém que está partindo. É necessário distinguir o que a pessoa efetivamente diz ou demonstra daquilo que supomos estar acontecendo. Mesmo entre aqueles que partilham a mesma fé, a experiência da despedida pode ser profundamente diferente.

Uma percepção incomum pode trazer consolo, mas também inquietação. Alguém relata ter encontrado um familiar falecido; outra pessoa descreve um lugar desconhecido, teme presenças ou parece reviver acontecimentos antigos. O acolhimento dessas manifestações não exige que os presentes confirmem, de antemão, sua origem espiritual, assim como não recomenda descartá-las com desprezo. Sonhos, alterações perceptivas, confusão e sofrimento no fim da vida também integram o campo de atenção da medicina. Quando houver agitação ou desconforto, a avaliação da equipe de saúde e os cuidados necessários devem acompanhar o respeito às crenças do enfermo.

As histórias que inspiram estas páginas mostram ainda que a fé não elimina necessariamente o receio, a saudade ou o apego às responsabilidades. Há quem se preocupe com os filhos, quem receie deixar uma tarefa inacabada, quem espere uma reconciliação e quem encontre serenidade na presença dos seus. Não cabe julgar o valor espiritual de uma pessoa pelo modo como enfrenta seus últimos dias. O sofrimento não constitui prova de fracasso moral, assim como uma despedida tranquila não autoriza concluir que conhecemos toda a sua vida interior.

Para os familiares, talvez a orientação mais útil seja também a mais simples: oferecer presença, escuta, cuidado e serenidade. Uma oração pode confortar quem a deseja; uma conversa tranquila pode aliviar temores; o silêncio respeitoso também pode ser uma forma de companhia. Não há obrigação de convencer a pessoa do significado de suas percepções. A assistência espiritual, para quem nela confia, não substitui os cuidados médicos, nem diminui a importância de proteger o conforto e a autonomia de quem recebe assistência.

O fio moral que une estas reflexões não é o julgamento da consciência alheia, mas a responsabilidade de amar com discernimento. Se a morte nos confronta com o limite das explicações, ela também pode convidar os que ficam a cultivar paciência, perdão e confiança, sem transformar a fragilidade humana em culpa. Talvez a melhor preparação para a partida não comece à beira do leito, mas na maneira como aprendemos, ao longo da vida, a cuidar uns dos outros.

O valor destas histórias está na possibilidade de ajudar cada leitor a acompanhar uma despedida com mais compreensão e humanidade.

QUANDO A VIDA SE PREPARA PARA CONTINUAR

Parte I — Cinco visitas espirituais a pessoas de fé no limiar da desencarnação

Hélio Abreu Filho | Caderno de estudo e reflexão

Nota de apresentação

Reúnem-se aqui cinco narrativas adaptadas de Obreiros da Vida Eterna, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier e atribuída ao Espírito André Luiz. O propósito é examinar o amparo espiritual apresentado nos relatos a pessoas que cultivavam a fé e se encontravam próximas da desencarnação, com atenção aos sentimentos, vínculos e obstáculos da despedida.

Trata-se de recontos em linguagem própria, não de transcrições literais. Personagens e acontecimentos centrais foram cotejados com os capítulos indicados. A interpretação moral não substitui a fonte mediúnica e não equivale a demonstração científica dos fenômenos descritos.

1. ADELAIDE: A VISITA DE BEZERRA DE MENEZES

Quando a confiança precisa alcançar também os que ficam

Adelaide havia dedicado grande parte de sua existência ao serviço do próximo. Médiun perseverante, encontrara no amparo aos enfermos e na proteção de crianças órfãs uma maneira de transformar sua fé em trabalho e solidariedade. Agora, entretanto, seu organismo estava profundamente enfraquecido, e aproximava-se o momento de deixar a vida física.

Apesar da confiança em Deus e da familiaridade com as realidades espirituais, Adelaide experimentava uma preocupação que não conseguia afastar inteiramente. Não temia propriamente a morte, mas sentia o peso das responsabilidades que deixaria. Pensava nas crianças, nos colaboradores, nos amigos e na continuidade da instituição que ajudara a sustentar durante tantos anos.

Foi nesse período que recebeu uma visita muito especial. Bezerra de Menezes, acompanhado de trabalhadores espirituais, aproximou-se de seu leito. Adelaide encontrava-se em oração. Segundo a narrativa de André Luiz, ela não percebeu todos os visitantes, mas reconheceu a presença de Bezerra, com quem mantinha profundos vínculos de afeição espiritual.

O benfeitor saudou-a carinhosamente. Adelaide revelou que compreendia a proximidade da partida e estava disposta a atender à vontade divina. Entretanto, ao pensar naqueles que dependiam de sua dedicação, não conseguiu conter as lágrimas.

Bezerra compreendeu imediatamente a origem daquela aflição. Com ternura paternal, explicou-lhe que sua tarefa havia sido cumprida com dignidade e que o momento de repousar chegara. A obra à qual dedicara a vida não lhe pertencia exclusivamente. Outros trabalhadores poderiam continuar o serviço, sob a inspiração de Jesus.

Era necessário confiar. Adelaide deveria entregar a Deus as preocupações que já não lhe competia resolver, permitindo que o amor pelos que permaneciam se transformasse em esperança, e não em impedimento à própria libertação. Aquelas palavras trouxeram-lhe algum conforto, embora não eliminassem inteiramente suas inquietações.

Em outra visita, já muito próximo o desencarne, Bezerra encontrou Adelaide novamente preocupada. Ela reconhecia que recebia assistência espiritual, mas confessou um receio particularmente humano: temia que suas próprias emoções dificultassem a passagem.

O benfeitor procurou tranquilizá-la, recordando-lhe que também atravessara a experiência da morte física. Explicou que, naquele momento, lhe fora especialmente útil concentrar o pensamento em Jesus e afastar as preocupações que o prendiam à existência terrena. A orientação era simples: *conservar a confiança, libertar a mente das aflições e não permitir que a saudade ou os compromissos materiais impedissem a aceitação da nova etapa.*

Entretanto, havia ainda uma dificuldade. Seus companheiros de trabalho, profundamente ligados à sua presença, temiam perdê-la. A angústia daqueles que a amavam também se refletia, conforme o relato espiritual, nas condições de sua despedida.

A benfeitora Zenóbia resolveu auxiliá-la. Durante o sono físico dos colaboradores da instituição, promoveu uma reunião espiritual destinada a esclarecer que a continuidade do trabalho não dependia da permanência de Adelaide na Terra. Recordou-lhes que amar alguém não significa impedir sua partida e que confiar em Deus também exige aceitar as transformações inevitáveis da existência.

Aqueles companheiros precisavam compreender que a responsabilidade pelo bem deveria ser compartilhada. A ausência física de Adelaide não representaria o abandono das crianças nem o encerramento das atividades. A orientação espiritual produziu os efeitos esperados na narrativa. Os colaboradores, mesmo sem conservarem lembranças completas da reunião, passaram a demonstrar maior serenidade. Adelaide também se tranquilizou.

Chegado o momento decisivo, pediu aos benfeitores que lhe permitissem realizar, por si mesma, parte do esforço necessário ao desligamento espiritual. O pedido foi atendido, permanecendo a equipe em vigilância e assistência. Jerônimo, responsável pelo acompanhamento, interveio no momento final. Adelaide desencarnou serenamente.

Conforme André Luiz, ainda permaneceu algum tempo junto daqueles que amava, recebendo e oferecendo consolações. Depois, acompanhada pelos amigos espirituais, dirigiu-se à instituição de acolhimento em que era aguardada.

A história apresenta uma dimensão especialmente consoladora da fé. Adelaide não foi descrita como alguém desprovida de receios, mas como uma criatura que, apesar das inquietações naturais, encontrou na oração, na confiança em Jesus e no amparo dos benfeitores as condições para enfrentar a despedida.

Seu exemplo também ensina aos que permanecem que o amor não termina com a separação física. A saudade é legítima, mas a confiança em Deus pode ajudá-los a transformar a dor em serenidade, permitindo que cada pessoa prossiga seu caminho. Na perspectiva espiritual apresentada por André Luiz, a desencarnação não significou para Adelaide o abandono da vida ou daqueles que amava, mas a continuidade de sua existência, agora em outras condições.

Fonte narrativa: XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. Capítulos 11 e 19.

2. DIMAS: O REENCONTRO COM A MÃE NO MOMENTO DA PARTIDA

A fé, os vínculos familiares e o amparo espiritual

Dimas era um trabalhador espírita que dedicara muitos anos ao atendimento dos necessitados. Desenvolvera faculdades mediúnicas e as colocara a serviço daqueles que buscavam esclarecimento e socorro. Sua vida transcorreria discretamente, mas deixara entre os companheiros espirituais numerosas demonstrações de dedicação ao bem.

Agora, gravemente enfermo, encontrava-se próximo da desencarnação. Uma cirrose comprometera profundamente seu organismo. O enfraquecimento avançava, e as possibilidades de recuperação física estavam praticamente esgotadas.

Foi nesse período que recebeu a visita de uma equipe espiritual dirigida por Jerônimo, da qual participava André Luiz. Ao entrarem no quarto, os visitantes encontraram Dimas muito debilitado, mas relativamente sereno. Sua sensibilidade espiritual permitiu-lhe perceber a presença dos benfeitores. Fechou os olhos físicos, reconheceu os visitantes e manifestou alegria.

André Luiz, orientado por Jerônimo, aplicou-lhe passes de reconforto. Dimas experimentou alívio e agradeceu a Deus pela assistência recebida. Jerônimo dirigiu-lhe palavras de encorajamento, prometendo regressar.

A preparação não terminaria naquela visita. Durante o sono físico, Dimas seria conduzido a uma instituição espiritual onde poderia familiarizar-se com as condições que encontraria depois da morte. A experiência, entretanto, revelou dificuldades inesperadas.

Embora profundamente religioso e dedicado ao bem, Dimas conservava fortes preocupações com a esposa e os filhos. A ideia de deixá-los despertava inquietações que se tornavam mais intensas à medida que o organismo enfraquecia. Sua fé não eliminava a saudade antecipada, nem a responsabilidade que sentia pelos familiares.

Quando chegou o momento do desencarne, os benfeitores intensificaram a assistência. Uma presença especialmente querida aproximou-se do leito: sua mãe,

desencarnada havia muito tempo. Aquela mulher, que o acolhera nos primeiros momentos da existência terrena, retornava agora para ajudá-lo na despedida.

Na narrativa de André Luiz, a mãe recebeu a cabeça do filho no seu colo e o envolveu em manifestações de ternura. Dimas, profundamente enfraquecido, experimentou o conforto daquela presença, enquanto Jerônimo realizava os trabalhos de desligamento espiritual.

O processo não foi inteiramente imediato. Mesmo depois da morte física, persistiram dificuldades de adaptação, associadas sobretudo às emoções familiares e aos vínculos que ainda o prendiam à experiência encerrada. Quando finalmente recuperou maior consciência da nova condição, Dimas reconheceu a mãe. A alegria do reencontro misturou-se à inquietação.

Desejava saber da esposa, dos filhos e do destino daqueles que deixara. Perdera a noção do tempo. A mãe procurou tranquilizá-lo, explicando e fazendo-o lembrar que os afetos não haviam desaparecido e que os familiares continuariam sob a proteção divina. Era necessário compreender que a separação física não extinguiu o amor, embora modificasse as formas de convivência.

Dimas precisaria repousar e recuperar o equilíbrio. Acompanhado por Jerônimo e outros benfeitores, foi encaminhado à Casa Transitória de Fabiano, instituição de acolhimento espiritual.

Sua história apresenta um ensinamento importante: a dedicação religiosa e o serviço ao próximo não impedem que alguém experimente dificuldades emocionais diante da morte. Conhecer o que acontecerá e assumir a condição são situações diferentes. Dimas possuía fé, trabalhara no bem e recebera assistência espiritual. Ainda assim, precisava aprender a confiar o destino daqueles que amava à Providência Divina.

O reencontro com a mãe não eliminou imediatamente todas as suas inquietações, mas ofereceu-lhe a segurança afetiva necessária para iniciar a adaptação. Na perspectiva da narrativa, a mãe que o recebera no começo da vida corporal também participou do acolhimento quando aquela existência chegou ao fim.

Fonte narrativa: XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. Capítulos 11 a 15.

3. FÁBIO: A ÚLTIMA ORAÇÃO EM FAMÍLIA

A visita do pai desencarnado e a serenidade daquele que se preparou para partir

Fábio era um homem de fé cristã, profundamente dedicado à família e ao cultivo da espiritualidade. Embora não exercesse a mediunidade ostensiva, participava de atividades assistenciais e procurava orientar a própria existência pelos ensinamentos de Jesus.

Enfrentava, entretanto, uma enfermidade grave. A tuberculose comprometera profundamente seus pulmões, reduzindo suas forças e aproximando-o da morte física. Tinha esposa e dois filhos pequenos. Sabia que dificilmente permaneceria muito tempo entre eles.

Em vez de ocultar inteiramente a realidade, procurava preparar a família. Conversava com os filhos sobre a continuidade da vida espiritual, explicando-lhes que o amor não desapareceria com a separação física. Desejava que crescessem confiantes em Deus e amparassem a mãe quando chegasse o momento da despedida.

Havia instituído, anos antes, o culto doméstico do Evangelho, transformando a leitura e a oração em hábitos familiares. Foi nesse ambiente que os trabalhadores espirituais o visitaram. Jerônimo apresentou-o a André Luiz como homem de grande equilíbrio, cuja existência fora marcada pelo esforço de viver os princípios que professava.

O enfermo não percebia necessariamente todos os visitantes, mas mantinha-se receptivo à assistência. Quando a desencarnação se aproximou, uma presença especial chegou à residência. Era Silveira, pai de Fábio, já desencarnado, acompanhado por outros amigos espirituais.

O genitor desejava participar dos preparativos finais do filho e ajudá-lo a realizar uma última reunião de oração com a família. Os benfeitores prestaram assistência ao enfermo, proporcionando-lhe algum alívio.

Fábio pediu à esposa, Mercedes, que reunisse as crianças para o culto doméstico. Abriu-se o Novo Testamento na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 15, versículo 44, passagem que distingue o corpo natural do corpo espiritual. A escolha possuía significado especial. Fábio encontrava naquela passagem a expressão de sua confiança na continuidade da existência.

Com esforço, dirigiu palavras de orientação à esposa. Falou da proximidade da partida, da necessidade de conservar a fé e da importância de permanecerem unidos pelos sentimentos. Também manifestou respeito pela liberdade futura de Mercedes.

Compreendia que ela continuaria vivendo, enfrentando responsabilidades e tomando decisões que já não poderiam depender de sua presença física. Não desejava que o amor se transformasse em prisão ou que a fidelidade às lembranças impedisse a continuidade da vida. O pai desencarnado, segundo André Luiz, auxiliava-o espiritualmente durante aquela conversação.

Terminadas as recomendações, a família elevou uma oração a Deus. Carlindo, o filho mais velho, pronunciou a prece final, pedindo proteção para todos e saúde para o pai, submetendo o pedido à vontade divina.

Fábio desejou despedir-se carinhosamente dos meninos. Entretanto, consciente da enfermidade contagiosa, evitou beijá-los diretamente. Pediu um lenço limpo, tocou com ele a cabeça das crianças e beijou o tecido. Aquele gesto delicado permitiu-lhe demonstrar ternura sem abandonar os cuidados que julgava necessários à proteção dos filhos.

Depois, a família recolheu-se. A equipe espiritual permaneceu junto ao enfermo. Durante a noite, agravou-se seu estado físico. Mercedes procurou assistência médica, enquanto os benfeitores, conforme o relato, realizavam os trabalhos espirituais de desligamento. Silveira acompanhava o filho com especial carinho.

Fábio desencarnou e foi conduzido, inicialmente em repouso, à Casa Transitória de Fabiano. A narrativa prossegue com um acontecimento igualmente significativo. Algum tempo depois, Mercedes foi conduzida espiritualmente, durante o sono, à instituição onde Fábio se encontrava.

O reencontro foi marcado por profunda emoção. Ela contou que os filhos estavam bem, que começara a trabalhar e que continuavam reunindo-se em oração. Fábio procurou fortalecê-la, reconhecendo a saudade que ambos experimentavam, mas incentivando-a a prosseguir com coragem. O amor permanecia, embora a existência houvesse assumido condições diferentes para cada um.

A história de Fábio destaca uma forma particularmente serena de preparação para a morte. Ele não se limitara a acreditar na sobrevivência da alma. Procurara educar os sentimentos da família, organizar responsabilidades e cultivar a confiança em Deus.

O amparo espiritual descrito por André Luiz encontrou, assim, condições favoráveis naquele lar. A visita do pai desencarnado, o culto doméstico e o posterior reencontro com Mercedes constituem momentos de uma mesma experiência, na qual a fé se associa à responsabilidade e ao amor que respeita a liberdade dos que permanecem.

Fonte narrativa: XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. Capítulos 11, 16 e 17.

4. CAVALCANTE: A VISITA QUE TROUXE O PERDÃO

O sofrimento de um católico fervoroso e a reconciliação com a esposa

Cavalcante era um homem profundamente religioso. Católico, dedicara grande parte da existência à prática da caridade e ao auxílio dos necessitados. Sua vida fora marcada por sacrifícios pessoais, renúncias materiais e esforços em favor do próximo. Entretanto, encontrava-se agora gravemente enfermo, internado numa instituição hospitalar. A enfermidade comprometera seu organismo, e as condições de recuperação tornavam-se cada vez mais desfavoráveis. Apesar da fé, Cavalcante experimentava grandes inquietações.

Temia o julgamento divino, preocupava-se com a possibilidade de permanecer no purgatório e receava não haver realizado adequadamente os preparativos religiosos para a morte. Também carregava uma preocupação íntima. Havia muitos anos perdera o contato com a esposa, Bela, de quem se separara em circunstâncias dolorosas.

O tempo lhe permitira reconhecer erros na convivência conjugal. Desejava encontrá-la novamente, pedir perdão e alcançar alguma paz para a consciência. Aquele desejo tornara-se particularmente intenso diante da proximidade da morte. Cavalcante recebia assistência de Bonifácio, trabalhador espiritual que acompanhava seu sofrimento. Posteriormente, Jerônimo e André Luiz integraram os esforços de auxílio. Diferentemente de outros enfermos atendidos pela mesma equipe, Cavalcante não possuía facilidade para perceber a presença dos visitantes, ou seja, não tinha mediunidade manifesta.

A formação religiosa que recebera oferecia-lhe motivos de esperança, mas também alimentava receios relacionados ao destino depois da morte. Os benfeitores procuravam ampará-lo, respeitando suas condições emocionais.

A situação tornou-se particularmente difícil quando seu organismo começou a apresentar sinais de falência. O enfermo sentia-se abandonado, temia morrer e insistia na necessidade de encontrar a esposa. Os trabalhadores espirituais, conhecendo aquela preocupação, decidiram proporcionar-lhe uma oportunidade de reconciliação.

Bonifácio conduziu Bela até o leito. Ela já se encontrava desencarnada e também atravessava dificuldades espirituais. A visita, portanto, não foi o

encontro de duas criaturas plenamente tranquilas, mas a aproximação de dois Espíritos ainda ligados por experiências dolorosas.

Quando Cavalcante reconheceu a esposa, sua expressão modificou-se. Finalmente, teria oportunidade de pedir desculpas. Falou das incompreensões do passado e reconheceu que não soubera agir com suficiente entendimento. Bela também se mostrou comovida. Ambos manifestaram arrependimento e desejo de perdão.

A reconciliação produziu sensível alívio na consciência do enfermo. Pela primeira vez, depois de tantas inquietações, Cavalcante pareceu aproximar-se da paz que procurava. O relato, entretanto, não termina com uma desencarnação inteiramente tranquila. O agravamento físico, a instabilidade emocional e uma intervenção médica descrita por André Luiz como uma “injeção compassiva” dificultaram, na versão narrada, o trabalho da equipe espiritual.

Cavalcante desencarnou, mas permaneceu, segundo a narrativa, em estado de profundo torpor, exigindo assistência prolongada para o desligamento definitivo. Somente depois de trabalhos laboriosos foi conduzido à Casa Transitória de Fabiano, necessitando de maiores cuidados.

Sua história não apresenta a morte como um acontecimento necessariamente sereno para todos os que possuem fé. Ao contrário, mostra um homem de reconhecidas qualidades morais que, apesar da dedicação ao bem, conservava receios e conflitos íntimos. Também evidencia que a assistência espiritual nem sempre corresponde à eliminação imediata do sofrimento.

No caso de Cavalcante, um dos benefícios mais significativos não foi a supressão da enfermidade, mas a oportunidade de reconciliar-se com alguém a quem amava e de quem se afastara. A visita de Bela permitiu que sentimentos antigos fossem reconsiderados à luz do arrependimento e do perdão.

Sob essa perspectiva, o amparo espiritual não se limitou ao desencarne. Alcançou igualmente a consciência daquele homem, oferecendo-lhe a possibilidade de concluir, com maior serenidade, uma questão afetiva que permanecera aberta durante muitos anos.

Fonte narrativa: XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. Capítulos 11, 12, 18 e 19.

5. ALBINA: A VISITA ESPIRITUAL QUE ANTECEDEU UMA NOVA OPORTUNIDADE

A oração, a assistência dos benfeitores e o adiamento da desencarnação

Albina era uma senhora idosa, viúva havia muitos anos, que dedicara grande parte da existência à educação cristã. Presbiteriana, encontrara no ensino do Evangelho uma forma de servir a Deus e contribuir para a formação moral de crianças e jovens.

Sua vida fora marcada pelo trabalho perseverante, pela dedicação à família e pelo auxílio a outras pessoas. Agora, entretanto, encontrava-se gravemente enferma. O coração apresentava sérias alterações, e seu organismo demonstrava sinais de profundo esgotamento. A morte parecia próxima.

Foi nessas circunstâncias que Jerônimo e André Luiz a visitaram. Encontraram-na no leito, amparada pelas filhas, que procuravam oferecer-lhe os cuidados necessários. Jerônimo aproximou-se e tocou-lhe a fronte.

Albina experimentou uma sensação de conforto. Não identificou conscientemente o visitante espiritual, mas manifestou o desejo de ler a Bíblia. Pediu à filha Eunice que lhe trouxesse o livro. Apesar da preocupação com o esforço que a leitura poderia exigir, a filha atendeu ao pedido.

Albina abriu o Novo Testamento. Segundo André Luiz, Jerônimo auxiliou-a discretamente a encontrar o capítulo 11 do Evangelho de João, que apresenta o episódio da ressurreição de Lázaro. A passagem adquiriu significado especial naquele momento. A senhora leu o texto e agradeceu a Jesus pela consolação recebida.

A equipe espiritual prosseguiu prestando-lhe assistência. Entretanto, havia uma particularidade ainda desconhecida por André Luiz. Uma solicitação especial fora encaminhada aos responsáveis espirituais pelo atendimento da enferma.

Embora a desencarnação estivesse prevista para breve, surgira a possibilidade de prolongar sua permanência na Terra. O pedido precisava ser examinado. Posteriormente, Jerônimo recebeu a informação de que a prorrogação fora autorizada.

A equipe deveria modificar o programa de assistência: em lugar de preparar o desligamento definitivo, passaria a oferecer os recursos espirituais descritos na narrativa para favorecer uma recuperação temporária.

Durante outra visita, os benfeitores encontraram Albina rodeada por jovens que participavam de uma reunião de oração. O ambiente de fé e recolhimento favoreceu, segundo André Luiz, o trabalho dos visitantes. A enferma apresentou melhora e pôde participar mais confortavelmente da convivência familiar.

Todavia, ainda faltava compreender por que sua permanência fora prolongada. A resposta surgiu com a chegada de um menino chamado Joãozinho. Era uma criança acolhida pela família, que considerava Albina sua avó afetiva.

Ao aproximar-se do leito, o menino demonstrou profunda preocupação. Contou que vinha orando pela saúde da senhora e que pedira a outras pessoas da igreja que também orassem. Albina recebeu-o carinhosamente. Desejou ouvi-lo cantar um dos hinos cristãos que costumava ensinar.

Joãozinho começou a cantar, mas a emoção interrompeu-lhe a voz. Não conseguia aceitar a possibilidade de perder aquela mulher que representava tanto em sua vida. Abraçou-a e chorou.

Jerônimo explicou a André Luiz que a súplica da criança participara decisivamente da reconsideração do momento da desencarnação. A razão, entretanto, não se limitava à saudade ou à vontade de conservar Albina entre os familiares. Segundo o relato, havia compromissos espirituais relacionados à continuidade de um trabalho educativo.

Loide, uma das filhas de Albina, encontrava-se grávida. A menina que nasceria e Joãozinho estariam vinculados a tarefas futuras de serviço cristão. A partida imediata de Albina poderia, nas circunstâncias descritas, comprometer emocionalmente a gestação e prejudicar aquele programa de trabalho. A prorrogação foi, assim, apresentada como medida destinada a atender interesses que ultrapassavam a própria enferma.

Albina permaneceria algum tempo mais na existência física. A história possui uma particularidade que a distingue das anteriores: a visita espiritual ocorreu quando a desencarnação parecia iminente, mas o desfecho foi temporariamente adiado.

É importante compreender que a narrativa não estabelece uma promessa de prolongamento da vida para todas as pessoas pelas quais se ora. O episódio apresenta uma circunstância específica, associada, na interpretação espiritual de André Luiz, a compromissos coletivos e a necessidades que os próprios interessados não conheciam integralmente.

A fé de Albina, sua dedicação ao ensino e a oração de Joãozinho encontram-se no centro desse relato. A assistência não foi descrita como privilégio de uma denominação religiosa, mas como reconhecimento de uma existência dedicada ao bem.

E a prorrogação, longe de representar simplesmente uma concessão sentimental, aparece vinculada à oportunidade de preservar condições favoráveis à continuidade de tarefas humanas e espirituais.

Fonte narrativa: XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. Capítulos 11, 12 e 17.

CONSIDERAÇÕES

O QUE AS CINCO HISTÓRIAS NOS PERMITEM COMPREENDER

As experiências de *Adelaide*, *Dimas*, *Fábio*, *Cavalcante* e *Albina* apresentam circunstâncias diferentes, mas compartilham um elemento essencial: todas se referem a pessoas que cultivavam a confiança em Deus e procuravam, segundo suas possibilidades, orientar a existência pelo bem.

Nenhuma delas foi descrita como moralmente perfeita. Adelaide preocupava-se com a continuidade de sua obra assistencial. Dimas sentia dificuldades para afastar as inquietações familiares. Fábio demonstrava preparação relativamente serena para a partida. Cavalcante enfrentava temores religiosos e a necessidade de reconciliação. Albina, já próxima do fim, recebeu assistência que, excepcionalmente, resultou no prolongamento de sua existência física.

As narrativas também apresentam diferentes formas de aproximação espiritual. Alguns enfermos reconheciam os visitantes. Outros experimentavam apenas o conforto de sua presença, sem identificá-los. Havia aqueles que, durante o sono físico, participavam de atividades preparatórias em instituições espirituais.

O auxílio podia envolver esclarecimento, oração, assistência magnética, reencontro com familiares desencarnados, reconciliação de sentimentos ou acolhimento depois da morte. Entretanto, a conclusão mais significativa talvez esteja na maneira como o amparo foi distribuído.

Um médium espírita, um cristão espiritualista, um católico e uma presbiteriana receberam assistência de trabalhadores pertencentes à mesma organização espiritual, conforme a narrativa. A diversidade de crenças não impediu a manifestação da solidariedade.

Nesse conjunto de experiências, os critérios de amparo relacionam-se muito mais à qualidade da existência, aos vínculos de amor e aos compromissos assumidos do que à denominação religiosa professada. É igualmente importante observar que a assistência não produziu resultados idênticos. A fé não tornou

desnecessária a preparação emocional, nem eliminou todas as dificuldades do desencarne.

Também não se pode extrair dessas histórias a conclusão de que todas as pessoas necessariamente perceberão e reconhecerão parentes desencarnados ou terão condições semelhantes de acolhimento. O que a obra oferece é uma perspectiva doutrinária e narrativa sobre possibilidades de assistência espiritual, cuja compreensão exige respeito à individualidade de cada Espírito.

Há, porém, uma orientação moral que atravessa todos os episódios: a preparação para a continuidade da vida não se restringe aos últimos momentos do corpo. Ela se realiza, sobretudo, na maneira como vivemos, amamos, servimos, perdoamos e aprendemos a confiar em Deus.

A fé, nessa perspectiva, não precisa representar ausência de medo. Pode manifestar-se justamente no esforço de conservar a esperança quando o medo ainda não desapareceu. E o serviço ao próximo, longe de garantir privilégios, constitui expressão concreta das disposições morais que cada pessoa construiu durante a existência.

As cinco histórias não demonstram cientificamente o que ocorre durante ou depois da morte. São relatos mediúnicos que, considerados no âmbito da literatura espírita, oferecem elementos para reflexão sobre a continuidade da consciência, a responsabilidade moral e a esperança.

Sua maior contribuição talvez resida na compreensão de que, mesmo diante da fragilidade humana, a confiança em Deus pode encontrar expressão no cuidado recíproco, na reconciliação e no amor que permanece.

REFERÊNCIAS E NOTA METODOLÓGICA

XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1946. Capítulos 11 a 19.

Texto cotejado com a versão digital da 1ª edição disponível em: <https://bibliadocaminho.com/ocaminho/TX/Ove/OveIndex.htm>. Acesso em: 19 out. 2026.

As histórias constituem adaptações narrativas de episódios apresentados na obra mediúnica. Foram preservados os personagens, os acontecimentos centrais e os respectivos desfechos. As considerações conclusivas são interpretações do estudo, e não falas ou citações literais de André Luiz.

Os mecanismos espirituais descritos pertencem ao campo da literatura espírita; não representam conhecimentos médicos ou científicos comprovados. Em especial, o episódio de Cavalcante não deve ser empregado para formular juízos sobre práticas contemporâneas de cuidados paliativos ou sedação paliativa, distintas da intervenção narrada na obra.

QUANDO A VIDA SE PREPARA PARA CONTINUAR

PARTE II — A CONSCIÊNCIA NAS PROXIMIDADES DA DESENCARNAÇÃO

Encontros, experiências perturbadoras, serviço e aprendizagem

A vida que continua antes da despedida

Uma pessoa pode encontrar-se próxima da morte e, apesar da extrema debilidade do corpo, conservar intensa atividade interior. Recorda pessoas, rememora acontecimentos, reconsidera escolhas, experimenta medo, recebe consolo ou relata vivências que lhe parecem mais nítidas do que a própria realidade cotidiana.

A família vê um enfermo repousando ou oscilando entre vigília e sonolência; o próprio enfermo, quando consegue narrar a experiência, pode descrever uma viagem, uma conversa, um encontro ou uma paisagem desconhecida. Nem sempre conserva a lembrança. Algumas vezes, resta-lhe apenas uma impressão de paz ou de ameaça.

Interessa-nos compreender essas experiências sem antecipar uma explicação única. Na perspectiva espírita, o enfraquecimento orgânico e o sono podem favorecer a emancipação parcial da alma, possibilitando-lhe relações com outros Espíritos. Na perspectiva clínica, sonhos intensos, visões no fim da vida, alterações da percepção, delírio e mudanças do estado de consciência constituem fenômenos que precisam ser diferenciados. Essas duas linguagens podem dialogar sobre a experiência humana, mas não são equivalentes: um relato mediúnico não confirma, por si só, um mecanismo biológico; a descrição clínica de uma visão não demonstra, por si só, uma visita ao mundo espiritual.

Retomamos as cinco pessoas conhecidas na primeira parte deste estudo — **Adelaide, Dimas, Fábio, Cavalcante e Albina** —, agora sob uma indagação diferente. Não se trata principalmente de saber quem as visitou, e sim o que aconteceu à consciência delas enquanto se preparavam para partir. Para isso, o capítulo 12 de Obreiros da Vida Eterna, “*Excursão de adestramento*”, oferece um núcleo narrativo singular: os cinco enfermos são conduzidos, durante o sono ou o desprendimento temporário, à Casa Transitória de Fabiano. Compartilham o percurso, mas não vivem a mesma experiência. É precisamente essa diferença que nos permite estudar as condições mentais e afetivas da partida.

1. O desprendimento, as lembranças e a interpretação do vivido

Em *O Livro dos Espíritos*, sobretudo nas questões 401, 402 e 407, Allan Kardec apresenta a emancipação da alma como possibilidade associada ao sono e à diminuição da atividade sensorial. A questão 407 registra, na perspectiva doutrinária, que a prostração das forças vitais favoreceria maior liberdade do Espírito. Esse princípio não autoriza afirmar que toda pessoa gravemente enferma esteja realizando excursões espirituais conscientes, nem que todo sonho de um moribundo seja a lembrança de um deslocamento efetivo. Permite, porém, compreender por que, no pensamento kardeciano, o estado de vigília não esgota as possibilidades de atividade da consciência.

As questões 403 e 410 oferecem duas advertências complementares. A ausência de recordação não significa, por si, ausência de atividade espiritual; uma lembrança fragmentada também não basta para reconstituir o que teria ocorrido. Mais importante ainda é a questão 405: Kardec admite que as preocupações da vigília podem dar à experiência noturna a aparência daquilo que desejamos ou tememos. Não estamos, portanto, diante de um espírito que observa necessariamente o mundo sem filtros. Mesmo em emancipação, levaria consigo hábitos interpretativos, expectativas, imagens religiosas e vínculos afetivos.

É oportuno adotar a expressão “mundo espiritual”, predominante na terminologia de Kardec, em lugar de tomar “campo astral” como designação doutrinária estrita. Podemos utilizá-la como aproximação vocabular, mas não devemos supor que se trate de conceitos inteiramente intercambiáveis em diferentes tradições. O que queremos pesquisar é a experiência da consciência em condições limítrofes, e não descrever uma geografia espiritual que as fontes não permitem cartografar com segurança.

No relato de André Luiz, Jerônimo organiza a excursão para que os enfermos conheçam gradualmente o ambiente ao qual, segundo a narrativa, se encaminhariam depois do desligamento. O auxílio não é apresentado como cerimônia uniforme. Adelaide e Fábio mostram maior lucidez; Albina associa as paisagens a cenas bíblicas; Dimas oscila entre assombro, curiosidade e contentamento; Cavalcante é dominado inicialmente pelo temor. De volta ao corpo, essas diferenças prosseguem. A mesma visita adquire cinco significados, porque cinco histórias de vida se fazem presentes na interpretação do acontecimento (XAVIER, cap. 12).

Há no mesmo capítulo uma observação de Jerônimo que merece atenção particular: a melhora percebida durante a visita não significaria recuperação do organismo físico, e o retorno ao leito poderia tornar mais penosa a percepção da enfermidade. É uma interpretação inserida no relato espiritual, não uma regra médica. Seria incorreto utilizá-la para justificar a suspensão de analgésicos, sedação indicada ou outros recursos de cuidado. Seu valor para a presente reflexão é mostrar que alívio da consciência e evolução da doença não precisam caminhar no mesmo ritmo.

2. Os encontros: quando a lembrança conforta e quando o vínculo inquieta

Primeira nuance — ser acompanhado não é o mesmo que estar plenamente tranquilo

Dimas é retirado temporariamente do corpo durante o repouso físico e acompanha André Luiz e Hipólito. Percebe os benfeitores, compreende que não se trata ainda da morte e aceita seguir com eles. Durante o deslocamento, entretanto, a visão de uma região luminosa lhe parece um rio caudaloso, que receia atravessar. A presença dos acompanhantes não impede o medo, mas torna possível prosseguir apesar dele. Mais tarde, ao recuperar-se no leito, descreve à esposa um sonho admirável: recorda o rio, os auxiliares invisíveis e uma casa iluminada; lamenta, porém, não conseguir lembrar tudo o que aprendera.

O episódio é esclarecedor porque o consolo não surge de uma compreensão perfeita do fenômeno. Dimas recebe apoio, atravessa a própria apreensão e retorna com a impressão predominante de ter sido amparado. O enfermo pode, portanto, viver emoções sucessivas e até contraditórias: sentir medo durante uma experiência e recordá-la, em conjunto, como benéfica. É prudente não confundir essa narrativa mediúnica com a prova objetiva de um deslocamento, mas ela oferece uma chave interpretativa para a relação entre medo e confiança.

Segunda nuance — a pessoa amada pode trazer reconciliação e reabrir a dor

Cavalcante oferece uma variação de grande densidade moral. Nas horas finais, pede insistentemente para rever a esposa de quem se separara anos antes. O capítulo 18 descreve que Bela, já desencarnada, é conduzida ao leito por um auxiliar espiritual. Trata-se, convém precisar, de uma visita ao moribundo, e não de uma viagem dele para encontrar a esposa. A distinção importa: não podemos apresentar o episódio como prova de uma excursão de Cavalcante, mas podemos estudá-lo como experiência de contato vivida pela consciência em fase de desencarnação.

O encontro é perturbador em sua aparência, pois Bela surge profundamente infeliz. Ainda assim, quando a reconhece, Cavalcante pede perdão e obtém uma reconciliação que lhe alivia a consciência. Seu estado emocional melhora. Pouco depois, entretanto, a retirada da visitante desperta nova agitação. O mesmo

vínculo que permite a paz momentânea também revela a dificuldade de aceitar uma separação. Não seria sensato concluir que encontrar um familiar desencarnado tranquiliza necessariamente o moribundo: o conteúdo afetivo da relação, as questões não resolvidas e o modo como a experiência se encerra podem modificar profundamente seus efeitos.

As questões 403 e 406 de O Livro dos Espíritos abrangem, em sentido mais amplo, a possibilidade doutrinária de o Espírito adormecido relacionar-se com pessoas vivas ou desencarnadas. Isso inclui a hipótese de um enfermo visitar, em desprendimento, amigos e parentes. Todavia, a excursão de adestramento aqui documentada não descreve individualmente cada um dos cinco realizando tais visitas familiares.

Na clínica contemporânea, também se registram sonhos e visões de familiares falecidos, muitas vezes percebidos como reconfortantes. Pesquisas qualitativas identificam, ao lado da alegria do reencontro, experiências ligadas a traumas, conflitos pendentes e temores existenciais. A semelhança temática com a literatura espírita é digna de estudo, mas não autoriza equiparar automaticamente os fenômenos, nem pressupor que os sujeitos clínicos tenham realizado visitas reais fora do corpo (RABITTI et al., 2024; FIGUEIREDO-SOUSA; REIS-PINA, 2026).

3. Os ambientes: o que ameaça a mente e o que a acolhe

Primeira nuance — uma paisagem interpretada como ameaça

O rio percebido por Dimas talvez seja a passagem mais simples e instrutiva para examinar o papel da interpretação. Ele não é descrito pela equipe como um obstáculo hostil; é o próprio viajante quem atribui àquela imagem o significado de travessia perigosa. Uma percepção torna-se medo antes que a consciência compreenda seu contexto. Posteriormente, já desperto, Dimas guarda a lembrança de algo luminoso e maravilhoso. A paisagem não mudou no relato; modificou-se o sentido emocional de sua recordação.

Essa sequência recomenda cuidado com explicações excessivamente rígidas. Não é necessário supor que todo ambiente ameaçador tenha sido produzido exclusivamente pela mente; tampouco seria correto atribuir-lhe realidade objetiva em todos os casos. A questão 405 de O Livro dos Espíritos permite reconhecer a participação das ideias e preocupações pessoais na conformação do que se vê durante o sono. Uma consciência fragilizada pode interpretar como ameaça aquilo que ainda não compreendeu.

Segunda nuance — o ambiente perturbador que o moribundo acredita descobrir

A situação de Cavalcante, descrita no capítulo 18, é de natureza diferente. Muito debilitado, ele passa a perceber, segundo André Luiz, presenças espirituais e cenas de sofrimento no próprio ambiente hospitalar. A narrativa associa essas percepções a um cenário de assédio espiritual entre alguns enfermos. Cavalcante reage com horror, chegando a interpretar as figuras observadas à luz das imagens religiosas do inferno e dos demônios. Aqui, na economia interna da obra, não se trata apenas de temor diante de uma imagem ambígua: o narrador sustenta que o personagem percebe uma realidade espiritual perturbadora.

Precisamos, contudo, conservar duas distinções. Primeiro, Cavalcante não é apresentado como causador moral das cenas que presencia; o fato de estar numa enfermaria descrita como espiritualmente difícil não o converte em merecedor daquele sofrimento. Segundo, uma visão semelhante, observada num paciente real, exige avaliação médica e cuidado compassivo. Infecções, alterações metabólicas, hipoxemia, privação de sono e efeitos de medicamentos podem estar associados a delirium e a experiências assustadoras. A narrativa espírita

constitui uma interpretação possível dentro de sua própria tradição, jamais um motivo para negligenciar assistência clínica.

Os dois episódios nos conduzem a um problema decisivo. Quando o enfermo relata tortura, perseguição ou paisagens aterradoras, qual é exatamente a fonte do padecimento: o conteúdo percebido, a interpretação que lhe atribui, uma condição clínica, uma lembrança traumática ou uma combinação de fatores? A pesquisa responsável não pode escolher a resposta antes de ouvir a pessoa e examinar as circunstâncias. Acolher o relato não exige confirmar como fato a origem espiritual do que foi visto. Eis um cuidado extraído das pesquisas do próprio KARDEC.

4. O serviço: entre a disposição de contribuir e a dificuldade de entregar responsabilidades

Primeira nuance — uma vida de serviço que permanece como compromisso interior

A tarefa assistencial de Adelaide não se dissolve porque o corpo começa a falhar. Sua preocupação com a continuidade do lar de crianças mostra que o serviço continua a ocupar-lhe o pensamento e o sentimento. Na excursão de adestramento, ela figura entre as pessoas que preservam maior lucidez e respondem com recolhimento e oração ao ambiente visitado. A obra não afirma, nesse capítulo, que Adelaide tenha assumido uma tarefa externa de assistência durante a viagem. Seria acrescentar ao relato uma cena que ele não descreve.

O que o episódio efetivamente permite observar é outra coisa: o compromisso com o bem pode conferir direção íntima à pessoa, mas também transformá-la em refém de responsabilidades que julga insubstituíveis. Para alguém habituado a servir, aceitar cuidados e admitir que outros prosseguirão sua obra pode ser uma aprendizagem tão exigente quanto trabalhar. O serviço, nesse momento, não se mede apenas pelo que ainda se faz, mas pela capacidade de confiar, partilhar e deixar que a obra pertença a uma comunidade mais ampla.

Segunda nuance — quando o amor se expressa preparando os que permanecem

Fábio oferece contraste oportuno. Sua preocupação com a família não o impede de conversar com a esposa e os filhos sobre a proximidade da partida, nem de lhes oferecer referências espirituais para a continuidade da vida. Na visita à Casa Transitória, ele participa do grupo mais consciente e retorna ao leito com profundo conforto interior. Seu gesto de serviço, nas proximidades da morte, realiza-se principalmente na vida doméstica: ampara emocionalmente os que permanecerão, sem pretender dirigir indefinidamente suas escolhas.

A questão 402 de O Livro dos Espíritos menciona, em âmbito geral, que Espíritos encarnados poderiam estudar e trabalhar durante o sono. Essa afirmação oferece fundamento doutrinário para pesquisar experiências de contribuição espiritual; entretanto, não transforma automaticamente Adelaide e Fábio em personagens de missões noturnas que não estão documentadas no

episódio estudado. A distinção entre princípio geral e acontecimento particular é indispensável. A pesquisa pode buscar, em outras fontes, casos de enfermos que relatam tarefas espirituais durante o sono, mas não deve criar esses casos para completar uma tipologia.

Há, ainda, uma dimensão humana que as duas histórias aproximam. O desejo de continuar útil pode tranquilizar, por preservar sentido e identidade; pode também angustiar, quando se converte na crença de que a vida alheia ficará desamparada sem a própria presença. A ajuda mais adequada não é negar o vínculo nem ordenar o desapego. É favorecer a partilha das responsabilidades, a despedida possível e a confiança de que o cuidado não termina numa única pessoa.

5. A aprendizagem: entre reconhecer, resistir e esquecer

Primeira nuance — preparação silenciosa e assimilação possível

Adelaide e Fábio, mais habituados ao desprendimento segundo a narrativa, não precisam transformar cada percepção numa explicação imediata. O silêncio, a observação e a oração traduzem uma disposição de acolhimento. Chegados à Casa Transitória, ouvem de Jerônimo que a excursão procura prepará-los para a morte física, e não restaurar definitivamente seus corpos. A aprendizagem apresentada no relato tem caráter gradual: familiarizar-se com pessoas, ambientes e condições sem violentar a capacidade emocional de cada um.

A maior lucidez não deve ser confundida com superioridade moral absoluta. É possível compreender certo aspecto da partida e permanecer vulnerável em outros. Adelaide ainda tem vínculos com a instituição; Fábio conserva o amor e a responsabilidade pelos familiares. A preparação não suprime a história pessoal. Apenas parece oferecer recursos para que a pessoa não fique inteiramente dominada por ela.

Segunda nuance — receber orientação sem conseguir interpretá-la ou conservá-la

Albina e Dimas mostram outros limites da aprendizagem. A primeira identifica os elementos vistos por meio de imagens bíblicas. Sua educação religiosa funciona como linguagem de reconhecimento, mas também condiciona a interpretação do ambiente. Dimas, por sua vez, passa do receio à curiosidade e à satisfação; ao despertar, conserva impressões luminosas, porém não consegue reconstruir o conteúdo dos ensinamentos que julga ter recebido. Cavalcante também interpreta a passagem a partir da necessidade de segurança sacramental e do receio de julgamento.

Essas diferenças indicam que informação e assimilação não são acontecimentos idênticos. A consciência pode receber uma orientação sem compreendê-la integralmente; pode reconhecer uma emoção e perder o enredo que a acompanhou; pode transformar uma experiência desconhecida na imagem religiosa que lhe parece mais próxima. Não há razões para desprezar a crença que organiza a experiência, mas há motivos para não tomar cada imagem como descrição literal do lugar visitado.

A reserva de Jerônimo é especialmente reveladora. Em vez de exigir interpretação imediata, o orientador propõe gradação. Esse procedimento, no interior da narrativa, parece responder a uma regra de prudência: ninguém aprende bem sob constrangimento que ultrapassa suas condições de compreensão. Podemos acolher esse princípio pedagógico independentemente de considerarmos comprovados os mecanismos espirituais descritos por André Luiz.

6. A mente em processo de partida: o que desafia e o que tranquiliza

Ao reunir essas experiências, descobrimos que a proximidade da morte não produz uma consciência uniforme. Alguns temem o desconhecido; outros receiam o julgamento; outros não sabem como deixar os familiares; outros se inquietam diante das tarefas inconclusas. A depender da história de vida, a mesma imagem pode recordar um ensinamento religioso, anunciar uma ameaça ou despertar a esperança. A relação entre conteúdo e efeito emocional é mediada pela pessoa que vive a experiência.

Podemos distinguir, sem construir uma escala de valor moral, pelo menos quatro dimensões que atravessam os relatos: *a lucidez* com que a pessoa se percebe; *a qualidade afetiva dos vínculos* que carrega; o repertório *religioso e cultural* por meio do qual interpreta o vivido; e *a liberdade interior* para aceitar transformações que já não pode controlar. Essas dimensões não são medidas clínicas validadas nem uma classificação kardeciana. Constituem uma proposta de leitura do material estudado.

O desafio da lucidez não se reduz a estar acordado. A pessoa pode conservar consciência do próprio nome, mas não compreender uma experiência intensamente emocional. O desafio dos vínculos tampouco consiste em deixar de amar. Em Dimas, a preocupação familiar convive com a esperança; em Cavalcante, o pedido de perdão torna-se necessidade central; em Adelaide, a obra assistencial continua a convocar seus cuidados; em Fábio, o amor estimula a preparação dos familiares. O problema não é a existência do afeto, mas o sofrimento que surge quando o vínculo parece incompatível com a passagem.

Quanto à religião, a lição exige delicadeza. A tradição espiritual pode fornecer palavras de consolo, favorecer a oração e sustentar o sentimento de

continuidade. Pode também, em determinadas interpretações, alimentar medo do castigo ou expectativas rígidas sobre o que será encontrado. Não é a denominação religiosa que determina essas reações, mas a maneira como a pessoa compreendeu e incorporou seus ensinamentos. É importante não tomar os receios de Cavalcante como defeito intrínseco do catolicismo, nem a serenidade de Fábio como privilégio de uma escola específica.

Nos relatos examinados, o amparo aparece associado à presença acolhedora, ao esclarecimento proporcional à compreensão, à possibilidade de reconciliação, à oração e à confiança de que outras pessoas continuarão os compromissos terrenos. Nenhum desses recursos exige a negação da tristeza. Estar preparado não significa sentir-se imune à saudade; significa, talvez, conseguir viver a saudade sem perder inteiramente a confiança.

Algo mais se evidencia no episódio de Dimas: o que fica na lembrança pode ser menos uma informação precisa do que uma disposição interior. Ao despertar, ele não sabe repetir o ensinamento recebido, mas sente que foi beneficiado. É tentador concluir que todo sentimento de paz após o sono tenha origem espiritual. Não dispomos de fundamento para tanto. Ainda assim, o relato convida a observar, com sensibilidade, que muitas mudanças importantes na experiência humana não se traduzem imediatamente em lembranças completas ou explicações articuladas.

7. O diálogo necessário com a observação clínica

Pesquisas sobre sonhos e visões no fim da vida relatam encontros com pessoas falecidas, sensação de preparação para uma viagem, paisagens significativas, revisitação de experiências biográficas e emoções que variam entre consolo e angústia. Uma revisão qualitativa publicada em 2024 destaca a importância de escutar a pessoa sem ridicularizar o que descreve e sem antecipar diagnósticos exclusivamente a partir do conteúdo espiritual ou religioso de sua fala (RABITTI et al., 2024). Revisão mais recente, publicada em 2026, encontrou forte heterogeneidade entre os estudos, advertindo que estimativas de frequência e efeitos emocionais não devem ser tratadas como percentuais universais (FIGUEIREDO-SOUSA; REIS-PINA, 2026).

Há também investigações brasileiras sobre a dificuldade de distinguir, em alguns casos, sonhos e visões significativos do delirium. A própria coexistência dos fenômenos impede uma separação simplista. Orientação, atenção, curso do

pensamento, flutuação do nível de consciência, medicações, infecções e outras condições clínicas precisam ser considerados por profissionais habilitados. Um relato espiritual significativo não torna desnecessária a avaliação clínica, especialmente quando há sofrimento, agitação, confusão ou mudança súbita de comportamento (SILVA et al., 2026).

Da perspectiva do cuidado, duas atitudes extremas merecem ser evitadas. A primeira é desqualificar toda experiência como fantasia ou delírio sem escutar a pessoa. A segunda é afirmar que toda visão comprova contato espiritual e, por isso, dispensaria investigação ou intervenção médica. A escuta pode ser respeitosa sem se converter em validação factual. Perguntar o que a pessoa viu, como se sentiu e do que necessita tende a ser mais útil do que impor uma interpretação. Se houver sofrimento, a equipe de cuidados deve ser informada, e o conforto físico e emocional preservado.

Também devemos recusar uma conclusão moral punitiva. Visões assustadoras, pesadelos, confusão ou desorientação não constituem prova de culpa, inferioridade espiritual ou abandono divino. O corpo em sofrimento influencia intensamente a experiência possível da mente. Mesmo no relato de André Luiz, pessoas reconhecidamente dedicadas ao bem atravessam momentos de medo, perplexidade e dificuldade. A misericórdia não pode ser condicionada à aparência de serenidade do enfermo.

Conclusão — a consciência não parte sem sua história

As *cinco experiências* permitem compreender a desencarnação, na narrativa espírita, menos como uma passagem instantânea e uniforme do que como processo em que a consciência continua relacionada à própria trajetória. Emancipação, expectativa, lembrança, vínculo, fé e temor não surgem como acontecimentos separados. Combinam-se, às vezes em poucos instantes, e dão à experiência características singulares.

O *encontro* pode confortar ou inquietar; o *ambiente* pode ser vivido como acolhimento ou ameaça; o *serviço* pode preservar sentido ou dificultar a entrega de responsabilidades; a *aprendizagem* pode ser assimilada, deformada pelas expectativas ou simplesmente esquecida ao despertar. Essas alternativas não representam destinos fixos nem categorias de pessoas. São modos de experiência que nos ajudam a formular perguntas mais precisas.

Talvez seja este o ensinamento mais prudente que podemos recolher: ninguém deveria ser julgado pela maneira como parece enfrentar a morte. Há os que oram em serenidade, os que choram pelos filhos, os que pedem perdão, os que descrevem paisagens estranhas e os que nada conseguem relatar. Nenhuma dessas condições, isoladamente, nos autoriza a medir a consciência ou presumir o amparo que recebe.

Para aqueles que acompanham o enfermo, permanece uma responsabilidade concreta: não aumentar o medo, não apressar a despedida, não impor certezas e não abandonar a pessoa à própria inquietação. Oferecer presença, aliviar o sofrimento, acolher a fala, favorecer a reconciliação possível e respeitar a fé que sustenta cada vida são formas de cuidado que não dependem da solução prévia dos grandes enigmas espirituais.

É justamente nessa convergência que o estudo encontra seu sentido mais humano. A *ciência investiga* as condições e manifestações da experiência; a *doutrina espírita propõe* uma interpretação da continuidade da consciência; o *cuidado fraterno* pergunta como atravessar a incerteza sem perder a dignidade. Não precisamos confundir esses planos para reconhecer o valor de cada um. Quando a vida corporal se aproxima de seu termo, talvez a tarefa mais urgente não seja explicar tudo o que se passa com a mente, mas assegurar que a pessoa continue sendo tratada como sujeito de memória, de liberdade, de amor e de esperança.

Quadro de leitura — oito nuances, quatro experiências humanas

Dimensão	Nuance A	Nuance B
Encontros	Ser acompanhado apesar do medo: Dimas e os benfeitores.	Reconciliar-se e sofrer a nova separação: Cavalcante e Bela.
Ambientes	Temer uma paisagem ainda não compreendida: o rio de Dimas.	Assustar-se com imagens perturbadoras: a enfermaria percebida por Cavalcante.
Serviço	Entregar responsabilidades sem perder o sentido da obra: Adelaide.	Amparar os familiares sem lhes prender o futuro: Fábio.
Aprendizagem	Receber esclarecimento com relativa lucidez: Adelaide e Fábio.	Interpretar segundo crenças e recordar apenas fragmentos: Albina, Cavalcante e Dimas.

Nota de leitura: as nuances constituem um instrumento interpretativo deste estudo. No eixo “*serviço*”, as situações documentadas são principalmente disposições interiores e ações na vida corporal; não foram convertidas artificialmente em tarefas executadas durante a excursão espiritual.

Fontes e referências

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Parte segunda, cap. VIII, “Da emancipação da alma”, questões 400–412. Texto consultado em KardecPedia: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/2/o-livro-dos-espíritos/75/parte-segunda-do-mundo-espirita-ou-mundo-dos-espíritos/capitulo-viii-da-emancipacao-da-alma>. Acesso em: 19 out. 2026.

RABITTI, Elisa et al. Hospice patients’ end-of-life dreams and visions: a systematic review of qualitative studies. *American Journal of Hospice and Palliative Medicine*, v. 41, n. 1, p. 99–112, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/10499091231163571>.

SILVA, Taís Oliveira et al. End-of-life dreams and visions in a patient with delirium: a Brazilian case report and narrative review. *Palliative & Supportive Care*, publicado on-line em 26 dez. 2025; integrado ao volume de 2026. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1478951525101247>.

FIGUEIREDO-SOUSA, Tiago; REIS-PINA, Paulo. End-of-life dreams and visions in dying adults and caregivers: a systematic review. *Journal of Loss and Trauma*, publicado on-line em 27 jul. 2026. DOI: <https://doi.org/10.1080/15325024.2026.2704749>.

XAVIER, Francisco Cândido. Obreiros da vida eterna. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1946. Especialmente cap. 11, “Amigos novos”; cap. 12, “Excursão de adestramento”; cap. 16, “Exemplo cristão”; e cap. 18, “Desprendimento difícil”. Texto consultado em <https://bibliadocaminho.com/ocaminho/TX/Ove/Ove12.htm>. Acesso em: 19 out. 2026.

Critério editorial: os episódios foram parafraseados, sem criação de diálogos. Quando a fonte apresenta visitas ao leito, e não viagens do enfermo, essa diferença está explicitamente assinalada. Interpretações filosóficas do presente estudo não se apresentam como resultados clínicos nem como citações literais de Kardec ou André Luiz.

QUANDO A VIDA SE PREPARA PARA CONTINUAR

PARTE III — OS FILMES DA CONSCIÊNCIA

Imagens recebidas, experiências vividas e sentidos morais possíveis

Nota de composição

O estudo acompanha três perspectivas da passagem: a assistência àquele que se aproxima da morte; as experiências que a consciência pode relatar durante o sono e o possível desprendimento parcial nas proximidades da desencarnação; e as imagens, lembranças e cenas que, na interpretação espírita, podem permanecer significativas após a morte. Esta terceira parte examina o último problema, sem confundir os três campos.

Os desenhos reproduzidos neste caderno foram elaborados pelo autor a partir de experiências que interpreta como mediúnicas. Algumas percepções se apresentaram como sequências de imagens em movimento, semelhantes a filmes de acontecimentos alheios à sua participação direta; em outras, o autor relata ter vivenciado a cena a partir de seu interior. Cada ilustração fixa somente alguns instantes de uma experiência dinâmica, não constituindo fotografia de um lugar espiritual nem reprodução integral do acontecimento percebido.

As oito primeiras narrativas são reconstruções literárias prudentes, apoiadas em elementos identificáveis das ilustrações. Não reproduzem diálogos não registrados nem pretendem identificar pessoas ou afirmar que todas as cenas correspondam à vida de Espíritos desencarnados. As duas últimas retomam experiências relatadas mais diretamente pelo autor. Em todos os casos, a reflexão moral representa uma leitura possível do testemunho, e não uma mensagem cuja autoria espiritual tenha sido demonstrada.

É igualmente necessário distinguir uma percepção que o autor associa à comunicação espiritual de uma vivência que interpreta como possível desdobramento de sua própria consciência. A experiência espacial ilustrada no Volume III, p. 175, é apresentada adiante como exemplo dessa reserva. Não se

conclui, portanto, que os dez episódios demonstrem, pelo pensamento, as condições de pessoas já desencarnadas.

Dez cenas para leitura e reflexão

Os registros abrangem ambientes, cenas de convivência e vivências particulares. Cada história aproxima a ilustração de uma narrativa e de uma reflexão moral possível. Quando faltam elementos sobre a origem e o significado das imagens, o texto reconhece expressamente essa limitação, evitando atribuir intenções não documentadas aos eventuais comunicantes.

1. A CIDADE AMARELO-OURO

A permanência das construções na vida da consciência

Na sucessão de percepções registradas pelo autor, aparecem edificações cuja tonalidade amarelo-ouro aproxima estruturas muito diferentes entre si: planos inclinados, plataformas, escadarias, volumes geométricos e espaços que parecem organizados para receber o movimento de alguém. A imagem impressa fixa algumas dessas formas. O testemunho, porém, refere-se a apresentações que se sucediam, e não à contemplação de uma fotografia imóvel. *Estes fatos mediúnicos ocorriam com o autor desperto.*

Não há identificação segura da cidade, de seus moradores ou da época a que a experiência corresponderia (futuro, outro orbe planetário, faixa vibracional neste sistema solar). Tampouco seria correto afirmar, pela simples aparência dourada, que o lugar traduzisse elevação moral. A cor pertence ao registro perceptivo; o mérito de quem ali estivesse permanece desconhecido.



Prancha integral do autor: construções, plataformas e formas em amarelo-ouro. O quadro ilustrado preserva aspectos da experiência narrada, mas não reproduz a vivência em sua total duração.

Observadas em conjunto, as construções não compõem necessariamente uma cidade terrestre reconhecível. Há diferenças de escala, circulação e arquitetura que convidam a pensar em imaginação construtiva, memória ou criação mental, sem permitir decidir qual dessas possibilidades corresponde ao acontecimento original. *A reflexão seguinte conserva esse limite.*

Como narrativa de possibilidades, o cenário suscita uma pergunta. Se uma consciência conserva interesse pelas edificações, pelos caminhos e pela organização dos espaços, o que leva consigo quando desaparecem as propriedades materiais que antes a ocupavam? Talvez leve habilidades valiosas, capazes de se converter em serviço. Talvez conserve, também, a antiga inclinação a confundir a obra com o seu autor.

A arquitetura, em si, não aprisiona nem liberta. Uma cidade pode expressar encontro e cooperação, assim como pode servir à ostentação ou à segregação. O edifício conserva pouco sentido quando apartado da vida que deveria acolher. É possível que a mesma inteligência que concebe um espaço grandioso ainda tenha de aprender a torná-lo hospitaleiro.

A reflexão moral nasce, portanto, menos do brilho das estruturas do que da finalidade que lhes atribuíamos. Quem constrói para ser admirado pode permanecer preso à admiração. Quem constrói para servir descobre que sua obra

não termina em suas paredes. Diante da morte, títulos de propriedade e prestígio perdem relevância; o valor humano daquilo que fizemos continua a pedir exame.

Referência da ilustração: *Volume II, p. 80, figura 3 (painel arquitetônico direito).*

2. A SALA DE OURO

Conhecimento técnico, automatismo e responsabilidade

Outro conjunto de memórias visuais registradas, apresenta um recinto de aparência técnica. Vê-se uma estrutura que sugere posto de operação, painéis, formas circulares e superfícies ordenadas. As representações impressas foram criadas a partir das anotações do autor, percebidas pela mediunidade quando em estado de alerta; não identificam máquinas reais nem informam a natureza de qualquer tarefa desenvolvida ali. Tratou-se de uma visita pelo local, em atividade exploratória do ambiente.

A cena pode ser lida como evocação de ambientes em que o pensamento se concentra, organiza e transforma. É o mundo do trabalho especializado, com sua disciplina, seus instrumentos e sua confiança nos resultados. Todavia, o autor não percebeu – apesar do sentimento de segurança em todo o evento –, se havia acompanhamento de trabalhadores espirituais, se se tratava de memória de um espírito circundante - interessado na comunicação -, ou se simplesmente ocorreu uma captação mediúnica aleatória que permitiu a visão.

Em A Gênese, capítulo XIV, itens 13 a 15, Allan Kardec examina, na linguagem da Codificação, a ação do pensamento e da vontade sobre os fluidos e a formação de imagens que denomina fotografia do pensamento. Essa concepção oferece uma referência para investigar a percepção de ambientes e cenas sem pressupor, no caso presente, que se tenha identificado a natureza do recinto, sua função ou a origem da representação. O testemunho informa o que foi percebido; o referencial doutrinário apresenta possibilidades para estudo, não uma explicação demonstrada.



Ambiente técnico dourado. Interpretação moral proposta pelo texto, não há explicação fornecida pelo Espírito e captada pelo médium.

Se um espírito conservasse a imagem de seu antigo ofício, poderia experimentar nela tanto uma continuidade fecunda quanto uma repetição sem finalidade. A diferença não estaria necessariamente no gesto, mas no sentido que o sustenta. Repetir operações por temor de perder a identidade é diverso de aplicar uma competência em benefício de outros.

A inteligência humana tem produzido maravilhas técnicas. Nenhuma delas, por si, assegura justiça, delicadeza ou responsabilidade. A máquina é capaz de ampliar a força; não escolhe, sozinha, a finalidade do esforço. Essa escolha pertence à consciência que a utiliza.

O ensinamento possível não é o abandono do trabalho, mas sua libertação do automatismo. Preparar-se para viver além das tarefas conhecidas talvez signifique perguntar, ainda em vida, a quem nossa capacidade está servindo. Quando o cargo cessa e os instrumentos ficam para trás, o conhecimento compartilhado e os benefícios realizados permanecem como parte mais significativa de nossa história.

Referência da ilustração: *Volume II, p. 80 (painel arquitetônico esquerdo).*

3. UM ROSTO ENTRE FORMAS DOURADAS

A identidade que nenhuma aparência encerra

A “*Visão Futurista*” apresentada a seguir reúne formas sobrepostas, luminosidade dourada e um semblante humano que emerge entre outros elementos visuais. A composição não oferece uma personagem identificada nem estabelece a sequência integral dos movimentos que a originaram. Guarda, entretanto, uma sensação de encontro entre formas, rostos e ambientes de aparência incomum.

O rosto chama a atenção porque a mente procura reconhecer pessoas mesmo quando não dispõe de nome, voz ou história. O que aparece é um semblante, e o desejo de interpretá-lo logo procura completá-lo com qualidades que algumas vezes podem não ter sido observadas. A própria tonalidade do conjunto poderia induzir a tomar beleza por bondade, desconhecimento por mistério ou surpresa por revelação.



Composição original intitulada “Visões Futuristas”, figura 1. Os elementos figurativos não permitem identificar o Espírito representado.

Na hipótese de uma comunicação por imagens, um rosto pode ser um meio de reconhecimento; pode também constituir apenas um fragmento de cena. Mas por se tratar de uma sequência, um relato de vida, a figura representa um ‘ser’ cercado de visualizações relacionadas a crianças em atividades pedagógicas, por ele orientadas.

A questão moral encontra-se representada nesta apresentação futurista. Importante anotar que nos habituamos a julgar antes de conhecer e fazemo-lo no convívio terrestre pela roupa, pela profissão, pela aparência, pela reputação; poderíamos repetir o mesmo equívoco diante de formas extraordinárias. O que impressiona os olhos não esclarece necessariamente a consciência, contudo o sentimento repassado em tais experimentos, importa e muito, um registro que nos pareceu ter assegurado um processo de aprendizagem, envolvendo o conhecer e fazer, e a preparação das crianças para o serviço.

Talvez uma das conquistas mais difíceis do amadurecimento seja reconhecer o outro sem reduzi-lo à primeira imagem que dele recebemos. A dignidade não depende da cor, da forma, da imponência ou da estranheza. Se esse aprendizado se faz necessário enquanto vivemos, não há razão para supor que se torne dispensável apenas porque a condição corporal se modificou, seja ela neste mundo ou no de Regeneração.

Referência da ilustração: *Volume II, p. 78, figura 1.*

4. MULHERES, CRIANÇAS E FAMÍLIAS

Afetos que atravessam as recordações

Nesta página, mulheres, crianças e pequenos grupos surgem em situações de encontros cotidianos: conversas, acolhimento, proximidade entre gerações, pessoas reunidas ao ar livre.

O autor registra expressamente não saber se as vivências (filme) pertenciam a pessoas de seu próprio convívio, justo porque elas eram substituídas muito

rapidamente. Esse detalhe é decisivo: não estamos diante de um álbum familiar conhecido, mas de uma sequência de cenas cujo contexto permaneceu aberto.

O observador pode reconhecer gestos comuns sem (re)conhecer quem os executou. Uma criança que se aproxima, um adulto que presta atenção, pessoas reunidas em torno de uma conversa: são experiências humanas que dispensam apresentação para despertar familiaridade. Mas o fato de a imagem ser familiar não autoriza identificar os figurantes como parentes de Espíritos desencarnados.

Na prancha integral reproduzida neste livro, reconhecem-se cenas de adultos conversando, um idoso acompanhado e pequenos grupos em convívio. Essas figuras foram empregadas na montagem para representar trechos dos filmes percebidos; não são identificação documental das pessoas que teriam participado do acontecimento, nem prova de parentesco entre elas.



Figura 2, “Visões do cotidiano Futuro / Passado”. O próprio autor registra a rápida substituição das imagens e sua incerteza sobre a identidade das pessoas.

Se a sequência correspondesse a uma recordação afetiva, poderia confortar pela lembrança do amor recebido e oferecido, sem exigir o retorno impossível das antigas circunstâncias. Os vínculos conservam seu significado mesmo quando a casa, o tempo e as formas de convivência já não são os mesmos.

Também é possível que cenas dessa natureza representem desejos ainda não realizados: pedir desculpas, reparar uma ausência, voltar a ser ouvido, oferecer

atenção que faltou. A imagem não decide entre essas possibilidades. *Ela apenas permite considerar quanto da vida interior permanece organizado em torno de pessoas concretas.*

O ensinamento moral não é transformar toda saudade em aprisionamento. A memória amorosa pode sustentar a esperança e a reconciliação. O cuidado está em não converter o afeto em posse. Quem amou verdadeiramente aprende, ainda que com dor, que a vida de cada pessoa prossegue para além de nossa vontade.

Referência da ilustração: *Volume II, p. 79, figura 2.*

5. A FESTA E O TEMPO CONSERVADO

Quando a alegria também se torna lembrança

Entre as representações da figura 18 aparecem pessoas reunidas, grupos em movimento, figuras que sugerem dança e convivência social. São fragmentos de ações, não retratos de uma única cerimônia. O registro original menciona imagens de rostos, conversações, prédios, casas e ruas percebidas em condições de lusco-fusco. A organização posterior dos elementos na página procura conservar algo da variedade do que se apresentou.

Uma festa é feita de instantes: quem chega, quem reconhece um rosto, quem se aproxima para conversar, quem deixa a roda e quem permanece. A ilustração não identifica uma data, um lugar ou um grupo espiritual. É, porém, possível reconstruir literariamente o movimento que uma cena de sociabilidade costuma evocar, sem afirmar que cada gesto tenha sido efetivamente presenciado. Essas cenas, percebidas pelo autor enquanto se encontrava desperto, sugeriram-lhe a possibilidade de corresponderem a pensamentos ou lembranças associados à alegria e à realização. A impressão de uma condição espiritual mais alvissareira pertence à sua interpretação, sem permitir identificar a situação moral de eventual comunicante.

A montagem reúne registros de natureza diferente: a percepção das mãos na penumbra e os episódios de convivência surgidos no lusco-fusco. A história toma como tema apenas a sucessão social, sem concluir que todas as figuras representem uma única festividade, de um único espírito comunicante, ou que o autor tenha participado da reunião observada.



Recorte da figura 18: encontros e cenas de convivência, pessoas, ruas e conversações em sucessão. Os quadros são uma tentativa de fixar instantes de uma percepção dinâmica.

Se parte da experiência corresponder a lembranças de desencarnados, a alegria do passado poderia oferecer-lhes consolo. Há recordações que devolvem equilíbrio àqueles que atravessam uma mudança difícil. Outras, quando transformadas no único lugar em que a consciência deseja permanecer, podem restringir sua abertura ao presente. Pode-se, ainda, cogitar que um Espírito conserve apego a acontecimentos da vida corporal, mesmo quando lhe sejam agradáveis. O episódio, entretanto, não demonstra que essa fosse a condição de quem eventualmente transmitiu as imagens.

Em O Livro dos Espíritos, questões 305 a 307, a recordação da existência corporal é descrita como seletiva e gradual, podendo apresentar-se ao Espírito sob a forma de imagens ou quadros. Essa passagem sustenta a possibilidade doutrinária de lembranças persistentes, sem determinar que as cenas aqui percebidas fossem memórias de um ou vários desencarnados. Também não permite identificar, somente pela repetição de acontecimentos agradáveis, uma condição de aprisionamento da consciência ao passado.

Não seria justo condenar a saudade de uma celebração, tampouco atribuir a toda festa um significado frívolo. Celebrar também é reconhecer vínculos, agradecer e participar. O problema começa quando a felicidade só parece legítima se conservar o cenário antigo, as mesmas pessoas nas mesmas posições e a repetição exata de um tempo perdido.

Talvez a lição esteja em guardar a alegria sem exigir sua imobilidade. A consciência que aprendeu a celebrar o encontro poderá reconhecer novas formas de convivência. A que apenas deseja reconstruir o passado talvez precise descobrir, pouco a pouco, que a fidelidade aos afetos não depende da reprodução da antiga festa.

Referência da ilustração: Volume III, p. 171, figura 18 (conjunto de cenas sociais).

6. O DIÁLOGO QUE CONTINUA

Palavras, divergências e reconciliações

Na mesma página citada anteriormente, há rostos voltados uns para os outros e agrupamentos que remetem a conversações. O autor registrou cenas sociais sucessivas, sem transcrever o conteúdo de qualquer diálogo. Segundo seu testemunho, as pessoas representadas pareciam conhecer-se, trocar ideias ou compartilhar notícias de maneira prazerosa.

A ausência de palavras audíveis, segundo o autor, é parte do problema. O olhar procura completá-las. Um gesto pode ser tomado por concordância ou conflito, uma aproximação por carinho ou cobrança. A experiência convida a reconhecer como rapidamente nossa mente transforma uma percepção parcial numa história supostamente concluída.



Recorte da figura 18: pessoas em aparente diálogo: expressões, grupos, encontros e conversações representados em quadros sucessivos. Não há registro das falas das personagens.

Consideremos, como hipótese literária, uma conversa que ficou inacabada em vida. Talvez alguém tivesse desejado explicar um gesto mal compreendido, escutar quem antes interrompia, ou reconhecer que uma opinião defendida com dureza era apenas uma interpretação provisória. Nessa possibilidade, a continuidade da consciência não apagaria automaticamente os mal-entendidos; abriria ocasião para revê-los.

A reflexão moral alcança tanto quem parte quanto quem permanece. Não devemos esperar a morte para tratar os próximos como interlocutores dignos de serem ouvidos. Quantos sofrimentos se prolongam porque alguém precisa vencer uma discussão, em vez de compreender a pessoa que está diante dele?

O filme de rostos e conversações não revela o conteúdo dessas vidas. Serve, contudo, para recordar que falar é mais do que emitir argumentos. É assumir responsabilidade pelos efeitos da palavra, inclusive quando ela é retida, usada para humilhar ou oferecida com a intenção de reparar. Uma boa conversa pode ser uma pequena forma de libertação. É possível que a sequência correspondesse à tentativa de um Espírito de revisitar acontecimentos e libertar-se de antigos vínculos. Pode-se também investigar a hipótese de participação fluídica do

médium na manifestação, sem que o episódio permita demonstrar esse mecanismo.

Referência da ilustração: *Volume III, p. 171, figura 18 (rostos e pessoas conversando).*

7. A ESCADARIA E O TEMPLO

A fé que procura transformar-se em conduta

O conjunto visual da figura 20 aproxima um símbolo central do cristianismo de uma rua e de uma escadaria que conduz a um templo. A composição reúne referências religiosas e urbanas, sem oferecer uma cronologia confirmada. Segundo a interpretação do autor, a sequência poderia representar a movimentação de Espíritos num horário de celebração religiosa, talvez por ocasião de uma missa. Ele também cogitou que a apresentação da cena tivesse finalidade de esclarecimento por parte de um mentor. Essas possibilidades pertencem à leitura que fez da experiência; não constituem informações demonstradas pelas imagens.

Uma escadaria separa o nível da rua do lugar de oração. A distância é curta na arquitetura; pode ser grande na vida moral. Ela é a representação da Igrejinha da “escadaria”, local conhecido de Florianópolis. Importante anotar que frequentemente buscamos o recolhimento para encontrar orientação, mas, ao retornar à rua, somos novamente confrontados com necessidades concretas, diferenças humanas e responsabilidades que a oração não substitui.



Recorte da figura 20: rua, escadaria e templo. A aproximação moral com a fé é interpretação autoral proposta para leitura.

É possível que imagens religiosas apareçam na memória de alguém à beira da morte ou depois dela, sobretudo quando constituíram parte significativa de sua vida.

No caso desta imagem mediunicamente recebida, é permitido perguntar se a fé que organizou nossos ritos organizou igualmente nossas escolhas. A pessoa que subiu os degraus para pedir misericórdia aprendeu a exercê-la com aqueles que encontrou? A que procurou o perdão conseguiu perdoar?

Nenhuma tradição religiosa está dispensada desse exame, assim como nenhuma delas esgota o amparo divino. O templo aponta para o transcendente; a transformação moral é testada também no caminho de volta. Diante da morte, talvez importe menos a frequência com que contemplamos símbolos sagrados do que a medida em que permitimos que seus ensinamentos nos tornassem mais justos e fraternos.

Referência da ilustração: *Volume III, p. 173, figura 20.*

8. A TELA QUE SURGE SOBRE A ESTRADA

As imagens inesperadas do cotidiano

A figura 21 traz um registro particularmente claro da forma dinâmica dessas percepções. O autor escreve que, estando com o trânsito parado, percebeu acima do painel do carro uma espécie de televisão que apresentava cenas do cotidiano. Reconheceu, na ocasião, a presença de alguns espectros. O desenho procura mostrar a sucessão: pequenos quadros se alteram como numa projeção que não depende da vontade de quem a observa.

Aqui importa não confundir os planos do acontecimento. Havia uma circunstância física, o automóvel parado, e uma experiência visual extraordinária que o autor considerou relacionada ao intercâmbio espiritual. O objeto literário desta história, entretanto, não é a direção do veículo nem a figura do médium, mas o conteúdo móvel que lhe apareceu: cenas humanas cuja origem e destino ele não pôde estabelecer.



Recorte da figura 21: representação da projeção de cenas do cotidiano sobre o painel do automóvel.

Uma imagem que chega sem convite pode impressionar pelo inesperado; seu sentido, porém, não se revela apenas pela intensidade com que se apresenta. Poderia exibir recordações de alguém, uma situação atual desconhecida ou uma

composição transmitida como linguagem. Não existe, na figura, informação suficiente para escolher uma dessas possibilidades como fato. E o autor também não recebeu instruções ou não conseguiu captar, mediunicamente, o sentido de tal visão em ocorrência.

A experiência, tal como documentada, suscita uma reflexão sobre a tendência da mente a confundir receber com compreender. Quantas vezes vemos um acontecimento e imediatamente lhe atribuímos causa, propósito e culpa? A velocidade das cenas nem sempre acompanha a maturidade do julgamento. Uma sequência rápida pode exigir de nós uma atenção mais lenta.

A lição moral sugerida é a responsabilidade do olhar. Observar o sofrimento não é conhecer todas as suas razões; testemunhar uma alegria não é saber tudo a respeito daqueles que a compartilham. Preparar a consciência talvez inclua aprender a assistir sem invadir, interpretar sem condenar e reconhecer que o fragmento recebido não autoriza uma sentença sobre a vida inteira de alguém.

Referência da ilustração: *Volume III, p. 174, figura 21.*

9. OS PEIXES QUE ATRAVESSAVAM A CAVEIRA

Uma experiência vivida, não apenas vista

O acontecimento ocupa lugar distinto entre os registros. A figura mostra uma caveira, representada em corte, com formas semelhantes a peixes em seu interior. O próprio autor deixou a indicação de que percebia a cena “olhando de dentro da cabeça”, com a segunda vista e os olhos físicos fechados. Ao retomarmos o episódio, ele acrescentou um dado fundamental: não recebeu simplesmente uma imagem; afirmou ter sentido e vivenciado a experiência com um Espírito informante.

Essa diferença impede que a tratemos como ilustração de um conceito já decidido. A imagem impressa é uma tentativa posterior de conservar algo de uma vivência cuja duração, sequência e significado não ficaram inteiramente

descritos. Ainda não sabemos se o Espírito comunicante transmitia sua própria experiência, se o autor revivia uma possível lembrança de existência anterior ou se um mentor espiritual o convidava a experimentar uma perspectiva incomum.

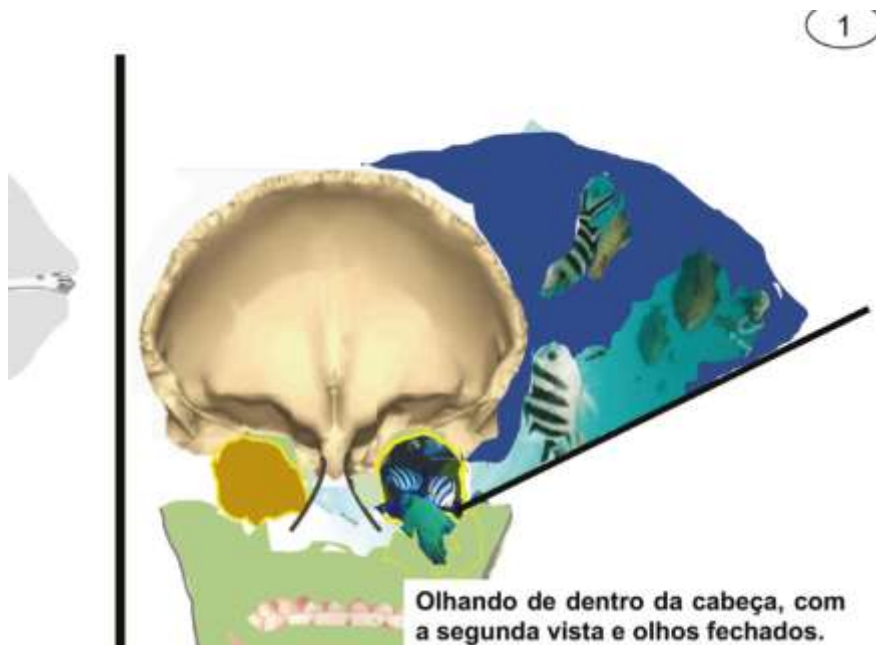


Figura 1 do Volume III: representação dos peixes no interior da caveira. O autor afirma ter vivido a cena em interação com um Espírito informante.

A reconstrução possível começa, portanto, no deslocamento do ponto de vista. O que ordinariamente se observa de fora pareceu ser percebido de dentro. A cabeça, limite anatômico conhecido, tornou-se cenário de uma experiência para a qual as referências físicas habituais não forneciam explicação imediata. Os peixes, em movimento na representação, acentuam essa estranheza. Segundo o relato, eram percebidos como se se movessem de dentro para fora, atravessando continuamente o campo visual do autor.

O relato de uma percepção com os olhos físicos fechados encontra paralelo no vocabulário kardeciano da segunda vista e da mediunidade vidente. O Livro dos Espíritos, questão 447, trata da segunda vista sem exigir o sono do corpo; O Livro dos Médiuns, item 167, registra, na perspectiva doutrinária, percepções descritas com os olhos abertos ou fechados. Essas passagens ajudam a enquadrar a forma como o autor viveu o episódio, mas não identificam a origem dos peixes, o sentido da imagem nem o mecanismo particular da experiência.

Não seria legítimo converter a visão em prova de que a consciência viaja por estruturas materiais sem obstáculos, nem em descrição anatômica ou física do mundo espiritual. Também não convém impor aos ‘peixes’ um simbolismo moral que não foi declarado. O registro autoriza reconhecer a intensidade da experiência e a dificuldade de traduzi-la; não determina por si uma teoria.

Justamente por isso, a cena pode provocar um aprendizado valioso. A consciência humana se educa em torno das condições do corpo. Quando encontra algo que contraria suas categorias usuais, costuma reagir com negação apressada ou certeza prematura. Há uma terceira atitude: *conservar a experiência, investigar seu conteúdo e aceitar os limites do que se sabe*.

A humildade intelectual não empobrece a fé; pode protegê-la da fantasia involuntária. Se a vida espiritual encerra possibilidades que ainda desconhecemos, o primeiro dever daquele que pesquisa é não ultrapassar, em suas afirmações, aquilo que foi efetivamente comunicado. Essa prudência constitui, ela própria, uma forma de respeito ao Espírito informante e à inteligência do leitor.

Referência da ilustração: *Volume III, p. 154, figura 1.*

10. O PEDIDO DE PERDÃO

A curiosidade que aprendeu a respeitar

Em outra experiência registrada, o autor percebeu, ao despertar, aquilo que descreveu como uma formação ectoplasmática próxima de uma parede. Surgiu-lhe o desejo de tocá-la. Tentou alcançá-la três vezes, sem êxito. Depois, adormeceu. Ao despertar novamente, sentiu-se agoniado, particularmente na região do pescoço, como representou nas figuras que documentam a sequência.

Não dispomos de elementos para estabelecer uma relação causal necessária entre as tentativas de contato e o desconforto posterior. O próprio encadeamento dos acontecimentos, entretanto, despertou no autor a percepção

de que havia agido com imprudência. Em lugar de repetir a tentativa inexitosa relatada, resolveu dirigir suas palavras ao Espírito que supunha estar presente.



Figura 34, “O meu pedido de perdão”, com a sequência anterior representada na figura 33 (p. 109).

O primeiro gesto foi pedir desculpas. O segundo foi tentar compreender, sem afirmar conhecer, as circunstâncias daquele ‘possível’ interlocutor espiritual. Recordou que a residência em que se encontrava existia havia décadas e levantou a hipótese de que o Espírito ali permanecesse por razões que escapavam à sua observação. Poderia experimentar tédio ou dificuldade para mudar de condição? Não havia resposta confirmada.

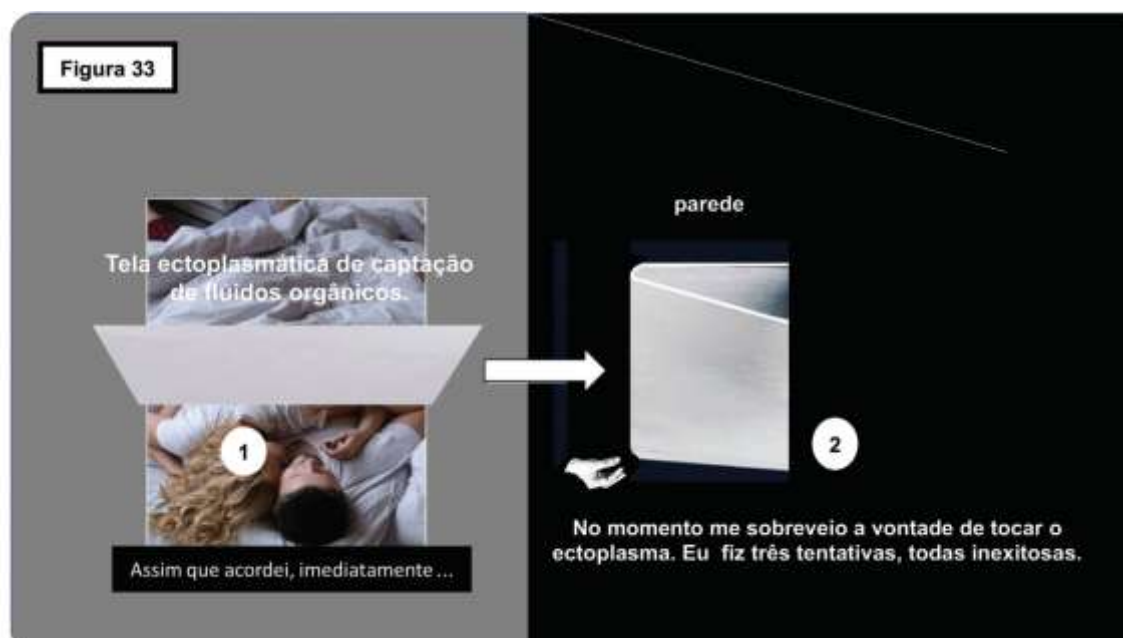
Em seguida, sugeri que o interlocutor se lembrasse da mãe, do pai, de irmãos, avós ou outras pessoas que lhe tivessem proporcionado algum bem. A evocação desses vínculos talvez pudesse abrir uma direção diferente para sua atenção. A conversa foi descrita como monólogo; não se registrou resposta assentida do Espírito. O episódio terminou com uma prece.

Seu significado mais seguro não está na explicação do fenômeno nem na demonstração de um efeito produzido sobre o outro. Está na transformação da atitude do próprio médium. A curiosidade inicial cedeu lugar à consciência de

que uma presença, caso correspondesse a outro ser, merecia consideração e respeito, e não uma experiência invasiva.

A lição conserva valor mesmo além do contexto mediúnico. Encontramos pessoas cujas dores e histórias não compreendemos; nossa vontade de explicar, corrigir ou intervir pode chegar antes da escuta. Pedir perdão, reconhecer limites e oferecer ajuda sem impor uma conclusão são atitudes pequenas apenas na aparência. Expressam a passagem do interesse pelo fenômeno ao cuidado com alguém.

Referência da ilustração: *Volume II, pp. 109–111, figuras 33 e 34.*

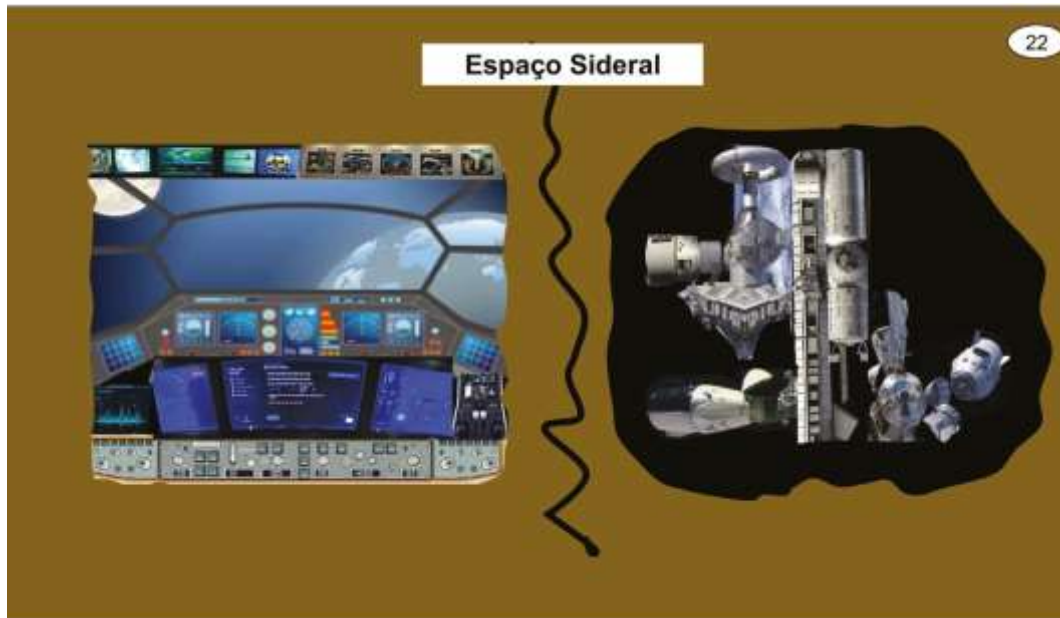


A sequência documentada compreende as tentativas de contato e, depois, a reflexão e a prece.

UMA DISTINÇÃO QUE PRECISAMOS PRESERVAR

Nem toda percepção visual incomum pode ser atribuída à condição de um Espírito desencarnado. O autor distingue experiências em que as imagens pareciam passar diante de sua consciência, como filmes, de outras que interpreta como possíveis vivências de desdobramento. A diferença diz respeito ao modo como ele percebeu os acontecimentos; não determina, por si, o mecanismo que lhes deu origem.

A representação de uma nave ou instalação espacial, da qual se descortina a Terra, pertence a esse segundo grupo, conforme sua própria compreensão. Por isso, reproduzimo-la aqui apenas como lembrete metodológico, fora das dez histórias.



Volume III, p. 175, figura 22 — “Espaço Sideral”. Experiência interpretada pelo autor como desdobramento, não como vida mental de um desencarnado.

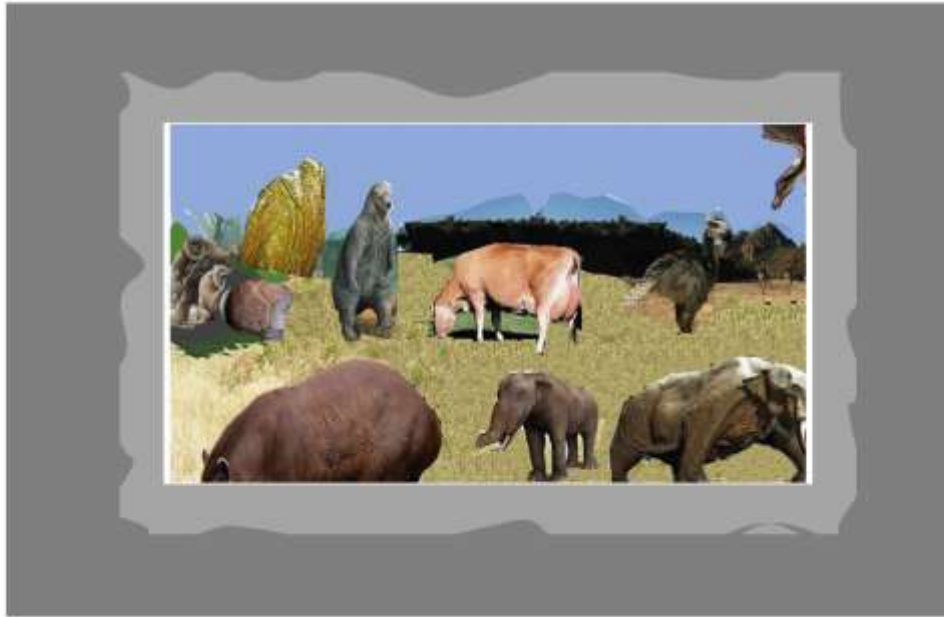
A prancha do “*Espaço Sideral*” confirma sua opção de separar a experiência interpretada como desdobramento dos relatos que procuram compreender o mundo mental dos desencarnados. A visualização da Terra a partir da nave não serve, isoladamente, para determinar o mecanismo da vivência.

Outra experiência, como a ocorrida em *campo de caça*, apresentada a seguir, com animais semelhantes aos terrestres, constitui caso que merece estudo próprio. O autor não se percebeu como observador externo: sentiu-se dentro do grupo, com sentimentos, expectativas, cuidados e temor, acompanhando a paisagem da posição de um de seus integrantes, a ponto de considerar a possibilidade de ser um deles. A vivência não se limitou, portanto, à recepção de uma imagem vista de fora. Entretanto, esse modo de participação não permite decidir se houve percepção compartilhada de um Espírito comunicante, desprendimento da própria consciência ou outra modalidade de experiência. Tampouco demonstra lembrança de existência anterior.

O Livro dos Espíritos, ao tratar da emancipação da alma e da segunda vista, e A Gênese, ao examinar as representações associadas ao pensamento, oferecem duas linhas doutrinárias para investigar vivências dessa natureza. Contudo, perceber os acontecimentos do interior de um grupo não permite escolher entre desprendimento da própria consciência, compartilhamento de percepções de outro Espírito ou representação mental. A questão 396 de O Livro dos Espíritos acrescenta prudência quanto a impressões que pareçam remeter a existências anteriores. Permanece, portanto, como dado principal a posição vivida pelo autor dentro da cena, com os sentimentos que a acompanharam.

Não sabemos se, no caso de Espírito comunicante, se este transmitia sua experiência particular, se facultava o compartilhamento de um cenário elaborado mentalmente ou se havia uma forma de participação que nossa documentação ainda não permite caracterizar. Também não temos evidência para afirmar que o Espírito estivesse preso a um ambiente de provas e expiações, que praticasse efetivamente a caça naquele momento ou que estivesse “transmutando” a paisagem; ou ainda, iniciando seu périplo por este Mundo de Provas.

Na literatura espírita, especialmente em A Gênese, capítulo XIV, encontram-se hipóteses sobre representações e modificações fluídicas associadas ao pensamento, sem que isso determine o mecanismo da experiência descrita. A cena de caça também não autoriza, por si só, um juízo sobre a condição moral de seus participantes. A subsistência pode constituir uma finalidade, relacionada à lei de conservação, mas não sabemos se era essa a motivação do grupo observado.



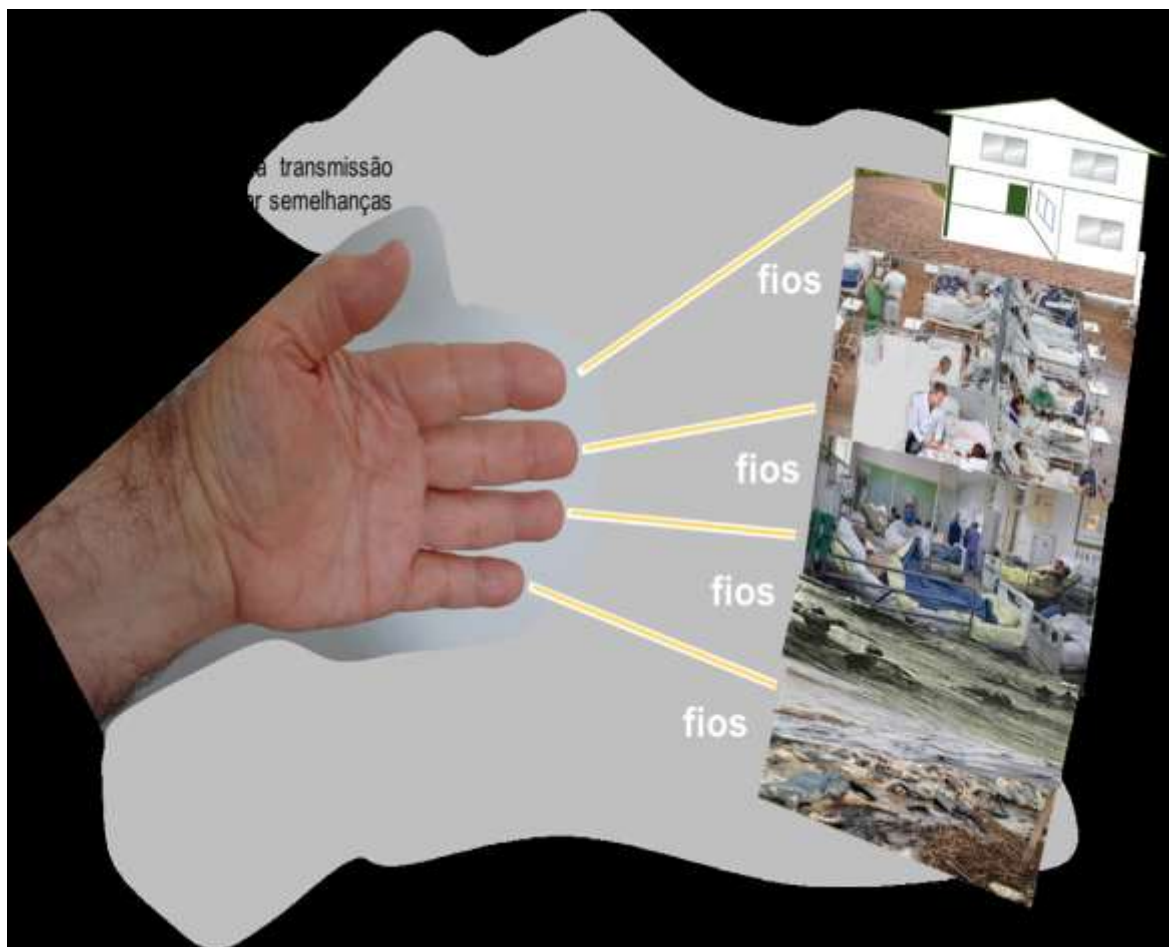
Prancha do autor com animais semelhantes aos terrestres, associada ao relato do campo de caça. Caçadores em observação atrás das pedras, à esquerda da imagem.

A presença de animais enriquece a iconografia do relato, mas não informa com segurança se era um grupo efetivamente de caça ou de observação. Conserva-se o dado pessoal decisivo: o autor se sentiu dentro da cena, percebendo-a e agindo como se fora um integrante. Mas não lhe foi possível estabelecer se compartilhava a visão de um Espírito comunicante, se vivenciava uma modalidade desconhecida de percepção, ou se a ocorrência possuía características fluídicas específicas. Este evento tampouco autoriza classificar a condição moral dos participantes.

O autor também menciona cenas de ambientes tomados por lixo, pessoas em condições extremas de vulnerabilidade e situações envolvendo uso de drogas. Nesses episódios, afirma ter permanecido a certa distância daquilo que percebia. O relato não permite identificar por que aquelas cenas lhe foram apresentadas ou qual era a condição dos envolvidos. Essa limitação não invalida a experiência registrada, mas impede atribuir-lhe, como fato, um propósito específico.

Segue-se uma imagem complementar produzida pelo autor a partir de suas percepções. Em seu campo visual, aproximou-se uma mão da qual pareciam partir linhas por ele denominadas “fios”, associadas a cenas de hospitais,

assistência emergencial e ambientes atingidos por águas. A imagem não demonstra que essas linhas realizassem intervenções físicas nem identifica, por si, atividade efetivamente desempenhada por um desencarnado. O autor, porém, relata ter sentido como se sua própria sensibilidade participasse do acontecimento, acompanhando a mão e as energias que percebia. A reflexão moral possível associa essa vivência à disposição de servir e à atenção às vulnerabilidades humanas.



Prancha complementar do autor: mão, “fios”, ambientes de cuidado e cenário de inundação. Conexão moral interpretativa; não comprovação de mecanismo espiritual ou efeito clínico.

Em O Livro dos Médiuns, item 74, Kardec examina o concurso fluídico do médium em determinadas manifestações físicas. Esse antecedente permite formular uma pergunta sobre a eventual participação do encarnado nas percepções aqui descritas, mas não autoriza transpor automaticamente o mecanismo das manifestações físicas para a recepção de imagens mentais. Os “fios” permanecem, neste estudo, como descrição do que o autor percebeu, sem

equivaler a demonstração de transferência mensurável de energia ou de intervenção material à distância.

Para quem acompanha um enfermo, o serviço encontra expressão verificável na presença, na escuta, no apoio aos familiares e no acesso aos cuidados de saúde. A oração, quando acolhida pela pessoa, pode integrar esse cuidado sem substituir medidas assistenciais. A imagem dos “fios” permite refletir sobre disponibilidade e responsabilidade. A possibilidade de uma ação do plano espiritual sobre o mundo material, eventualmente envolvendo recursos fluídicos, permanece hipótese de investigação; não foi demonstrada pelo episódio relatado.

Fontes das imagens e limites da interpretação

ABREU FILHO, Hélio. A rede de sentimentos e emoções II: o microespaço que captura o perdão e o amor. Florianópolis: Conceito Atual Editora, 2022. Figuras 1–3, 33–34.

ABREU FILHO, Hélio. A rede de sentimentos e emoções III: exclusivo ao vidente, espírita. Florianópolis: Conceito Atual Editora, 2022. Figuras 1, 18, 20–22.

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Questões 305–307, 396, 401–405, 447 e 702–704: recordação das existências, emancipação da alma, segunda vista e lei de conservação.

KARDEC, Allan. A gênese. Capítulo XIV, itens 13–15: pensamento, fluidos e fotografia do pensamento.

KARDEC, Allan. O livro dos médiuns. Segunda parte, capítulo IV, item 74, e capítulo XIV, item 167: concurso fluídico em manifestações físicas e médiuns videntes.

EPÍLOGO

REGINE ABREU

A vida dedicada ao serviço e a serenidade da despedida

Memória de um filho sobre a família, a assistência social e os últimos meses de sua mãe

A vida familiar e a responsabilidade de continuar

Minha mãe, Regine Abreu, pertenceu à geração de mulheres cuja contribuição para a família e para a sociedade nem sempre podia ser resumida pelos cargos que ocuparam. Seu trabalho cotidiano, frequentemente realizado sem publicidade, consistia em organizar, acompanhar, resolver dificuldades e manter pessoas ligadas por responsabilidades e afeto. A vida religiosa e o serviço assistencial não constituíam, para ela, atividades separadas da existência familiar. Eram expressões de uma mesma maneira de compreender o dever.

Acompanhei grande parte dessa caminhada. Seu casamento com Hélio Abreu, meu pai, foi marcado pela educação dos filhos e pela participação no movimento espírita catarinense. Em maio de 1976, meu pai desencarnou aos 48 anos, quando exercia a presidência da Federação Espírita Catarinense e da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). A partida aconteceu numa etapa da vida em que ainda havia muito a realizar, tanto no lar quanto nas instituições a que dedicava esforços.

Para minha mãe, a viuvez trouxe uma responsabilidade imediata. Dos seis filhos, eu, o mais velho, já estava casado, embora permanecesse profundamente vinculado à casa materna; os outros cinco ainda prosseguiram suas trajetórias de formação e construção da autonomia. Ela precisou reorganizar a vida doméstica, acompanhar estudos, orientar escolhas e sustentar a convivência familiar sem a presença de quem antes compartilhava com ela tantas decisões.

Não gostaria de reduzi-la, contudo, à figura da viúva que resistiu às dificuldades. A ausência de meu pai modificou o alcance de suas tarefas, mas também tornou mais visíveis capacidades que ela já exercia. Minha mãe não começou a servir naquele momento. Apenas passou a assumir, com maior independência, responsabilidades que antes desenvolvia em apoio e cooperação.

A educação dos filhos permaneceu entre suas prioridades. Nas gerações que cresceram sob seus cuidados, houve formações em Direito, Engenharia,

Odontologia e Administração. Dois dos irmãos seguiram a formação jurídica. Cada um construiu seu percurso profissional, com as naturais dificuldades e conquistas de uma vida própria, mas sob a referência persistente do lar que Regine procurava manter unido.

Nessa formação, o Evangelho no Lar ocupava lugar especial. Não era apenas o momento reservado à leitura e à oração. Era também a lembrança de que os acontecimentos familiares mereciam ser examinados à luz da responsabilidade, do respeito recíproco e da confiança em Deus. Mesmo quando os filhos se afastaram fisicamente para construir suas próprias famílias, a prática e seu significado continuaram presentes na convivência.

A assistência social como continuidade do lar

Minha mãe levou para as atividades assistenciais a mesma disposição organizadora que se revelava em casa. Seu envolvimento com a SEOVE e com a Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação (SERTE) pertence a uma história coletiva, feita de dirigentes, trabalhadores, benfeitores, profissionais e voluntários. Os documentos institucionais registram que Regine presidiu a SERTE entre 1988 e 1990 e a SEOVE em dois períodos, de 1992 a 1994 e de 2000 a 2006 (SERTE, [s. d.]; SEOVE, [s. d.]). Esses dados situam sua participação, mas não esgotam o que efetivamente realizou.

Recordo-a especialmente nos trabalhos de formação e de convivência, promovendo ou acompanhando cursos profissionalizantes e atividades de corte e costura, crochê, bordado, tapeçaria e outras práticas manuais. Nelas, o aprendizado de uma habilidade podia representar complemento de renda, oportunidade de trabalho, encontro entre pessoas ou simples recuperação da confiança nas próprias capacidades. Havia uma dimensão social no fazer conjunto que não dependia de grandes discursos.

Muitas amigas e colaboradoras da sociedade catarinense participavam dessas iniciativas, oferecendo tempo, materiais, conhecimentos e presença. Entre elas, guardo a lembrança de ‘Dona Nidia’, ligada às Casas Coelho, de Florianópolis. Ao mencioná-la, desejo reconhecer também tantas outras mulheres cuja contribuição discreta sustentou os serviços assistenciais. Elas não desempenhavam um papel secundário. Sem essa rede de cooperação, muitas atividades sequer teriam alcançado continuidade.

O trabalho persistiu para além dos mandatos. Um registro da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, de 2009, menciona, entre as atividades da SEOVE, o grupo de convivência “Amigas da Fraternidade – Regine Abreu”, formado por voluntárias e idosas da comunidade (SANTA CATARINA, 2009). A denominação constitui um testemunho público da vinculação entre seu nome e aquele esforço de aproximação e serviço.

É nesse ponto que encontro um traço essencial de sua trajetória. Para minha mãe, administrar não significava apenas distribuir tarefas ou responder por uma estrutura. A gestão era uma maneira de manter pessoas reunidas em torno de um propósito útil. Ela compreendia que uma instituição assistencial não se sustenta exclusivamente por recursos materiais: depende igualmente da confiança entre os que nela trabalham, do respeito a quem recebe atendimento e da perseverança que atravessa mudanças de direção.

Com o avançar da idade, esse compromisso não desapareceu. Já havia ultrapassado os noventa anos quando ainda dirigia o automóvel e levava amigas às atividades assistenciais. Era uma rotina que evidenciava sua autonomia e o desejo de permanecer útil. A imagem de minha mãe ao volante, conduzindo companheiras para mais um dia de trabalho, permanece entre as lembranças que melhor traduzem a continuidade de sua disposição para servir.

Os primeiros sinais e a mudança de direção do cuidado

A enfermidade começou discretamente. O cansaço, a princípio leve, parecia encontrar explicações plausíveis na idade e nas condições de saúde que já conhecíamos. Ora se considerava a possibilidade de um problema cardíaco, ora a de uma alteração pulmonar. Ela tinha asma, circunstância que podia dificultar, aos olhos da família, a interpretação dos sintomas respiratórios.

A própria organização da casa talvez contribuisse para ocultar a gravidade do quadro. Havia duas escadas, que minha mãe continuava a subir e descer com relativa desenvoltura. Ao final do dia, quando se mostrava mais cansada, pensávamos na fadiga própria de tantas atividades acumuladas. Não era fácil perceber que alguma coisa importante começava a modificar aquele organismo pequeno e até então resistente.

Eu e meus irmãos a visitávamos regularmente. E eu, numa dessas ocasiões, notei dificuldade na respiração e conversei com meu irmão Mario, que havia alguns anos morava com ela. Imaginamos que pudesse ser uma questão cardíaca.

Ele já providenciara consulta com o cardiologista, marcada para dali a dois dias. Ainda assim, a impressão de que o problema poderia ter outra origem permaneceu comigo.

Na manhã seguinte, senti-me particularmente inclinado a passar de novo em sua residência. Pela minha formação espírita e pela experiência que acumulei no exercício da mediunidade, interpretei mais tarde esse impulso como possível inspiração espiritual. Naquele instante, entretanto, importava menos explicar a razão da visita do que observar o que se passava diante de mim.

Minha mãe estava visivelmente enfraquecida. Respirava com dificuldade logo pela manhã, sem ter subido escadas nem realizado os esforços habituais. Arrastava um pouco os pés e se movia com uma lentidão que não combinava com a mulher ativa de dias antes. Sua baixa estatura, cerca de um metro e meio, e seu peso aproximado de 48 quilos tornavam ainda mais evidente a fragilidade que então percebi.

Conversei novamente com meu irmão e insisti na necessidade de avaliação pulmonar imediata. Ele telefonou ao médico, amigo da família, e conseguiu atendimento para dali a uma hora. Levei minha mãe à consulta. Depois de auscultá-la, o especialista recomendou exame de imagem dos pulmões. Telefonamos para a clínica e encontramos uma vaga disponível cerca de quarenta e cinco minutos depois. O exame foi feito naquele mesmo dia; no seguinte, o resultado já se encontrava com o médico.

O laudo indicava um nódulo no pulmão esquerdo. A localização chamou minha atenção porque, anteriormente, numa experiência pessoal com imposição das mãos e utilização de um pêndulo, eu havia percebido algo que me levou a suspeitar de alteração naquela região. Registro essa coincidência como parte de minha vivência mediúnica, sem confundi-la com procedimento diagnóstico. Foi a investigação médica que identificou a lesão e conduziu às avaliações seguintes.

Em aproximadamente uma semana, exames e avaliação clínica permitiram reconhecer o câncer, já disseminado pelo organismo, conforme recebemos a informação. O contraste entre a vida que minha mãe levava e a rapidez com que a enfermidade restringiu seus movimentos foi doloroso. Sua autonomia, construída e preservada durante tantos anos, cedeu lugar à necessidade crescente de assistência.

Durante cerca de seis meses, a casa tornou-se novamente um ponto de reunião da família. Os filhos se aproximaram, amigos compareceram, parentes visitaram. *Não se tratava de uma sucessão contínua de despedidas.* As conversas eram agradáveis e recuperavam episódios antigos, nomes conhecidos, trabalhos realizados e situações engraçadas – histórias de Florianópolis e de Joinville, além das do movimento espírita, cativavam a todos. O passado permanecia presente, não como uma exigência de retorno, mas como patrimônio compartilhado. Minha mãe continuava sendo reconhecida pela vida que vivera, e não apenas pela doença que enfrentava. Eu cheguei a filmá-la em seus relatos e postei no YouTube.

Com o agravamento do quadro, passaram a acompanhá-la *cuidadoras*. Algumas compartilhavam a fé espírita; uma delas possuía experiência mediúnica, circunstância que favoreceu entre nós conversações reservadas e, posteriormente, trabalhos espirituais em conjunto. O aspecto mais importante, porém, era o cuidado prestado a Regine, com atenção às necessidades concretas de seu corpo e ao respeito que sua história merecia.

O último mês: aceitação, serenidade, conhecimento e saudade contida

Se tivesse de definir o último mês da existência terrena de minha mãe com uma só palavra, escolheria **resignação**. Não a resignação confundida com desistência, desinteresse ou ausência de sentimentos, mas aquela que me pareceu nascer da aceitação do que já não podia ser modificado. Naqueles dias, reconheci nela quatro disposições que permaneceram associadas em minha memória: ***aceitação, serenidade, conhecimento e saudade contida.***

A *aceitação* manifestava-se na maneira como passou a receber cuidados e a conviver com os limites do organismo. Durante décadas, fora ela quem organizara providências, acolhera pessoas e oferecera soluções. Agora, precisava confiar a outros tarefas que sempre realizara. Não percebi nisso diminuição de sua dignidade. Ao contrário, o fato de permitir que a assistíssemos parecia integrar uma nova forma de viver o afeto: *quem durante tanto tempo cuidara também podia ser cuidado.*

A *serenidade* não deve ser confundida com a impossibilidade de sofrer. A doença prosseguia, o corpo se enfraquecia e havia ausências que se tornavam inevitáveis. Mas a maneira como minha mãe atravessava os dias transmitia, aos meus olhos, uma tranquilidade progressiva. Não faço dessa impressão um

juízo sobre seu mundo íntimo, ao qual eu não tinha acesso completo. É a lembrança que conservo de sua postura diante das limitações.

O *conhecimento* era o patrimônio doutrinário de uma vida inteira. O Espiritismo, o Evangelho no Lar, a participação nas instituições e o hábito da oração haviam-lhe oferecido referências para pensar a existência e a morte. *Não sei exatamente quais pensamentos a acompanhavam em cada silêncio*, mas acredito que sua formação religiosa contribuía para reconhecer a despedida física como acontecimento inscrito na continuidade da vida, segundo a convicção que professava.

Por fim, havia a *saudade contida*. A aproximação da partida não desfaz os vínculos de amor, nem torna indiferentes as lembranças da família, dos amigos e das atividades interrompidas. Às vezes, o sentimento comparece sem precisar tornar-se discurso. Foi assim que compreendi sua atitude: *uma saudade que não negava o valor da convivência terrena, mas que tampouco se transformava em exigência de permanência a qualquer preço*.

No ambiente familiar, procurávamos oferecer-lhe orações, presença e serenidade. Em algumas ocasiões, eu e uma das cuidadoras relatávamos entre nós percepções que interpretávamos como manifestações espirituais. Preferíamos a discrição, não por considerar os acontecimentos proibidos de serem narrados, mas porque não desejávamos transformar o sofrimento de minha mãe num espetáculo de ocorrências mediúnicas. *O centro da atenção continuava sendo ela*.

Minha mãe chegou a relatar a percepção de familiares anteriormente desencarnados. Recebemos esses relatos com respeito, sem pretender determinar com certeza a natureza de cada experiência. Uma das cuidadoras também se referiu a essas ocorrências, sem que tal referência permita estabelecer sua origem. Notávamos, ainda, a dificuldade de uma irmã de minha mãe em aceitar a proximidade da despedida. Parecia-nos que aquele sofrimento afetivo poderia inquietar Regine, mas não seria justo afirmar que a irmã efetivamente impedia seu desligamento espiritual. A dor de quem fica não pode ser tratada como culpa. Procurávamos apenas preservar um ambiente de carinho que favorecesse a tranquilidade de todos.

O último olhar

Na manhã de 2 de maio de 2024, visitei minha mãe. Ela se encontrava deitada de lado, voltada para a direção contrária à cadeira em que me sentei. Parecia dormir. Aproximei-me vagarosamente e comecei a aplicar-lhe um passe, acompanhado de oração silenciosa. Não pretendia interromper seu repouso. Desejava somente oferecer a assistência que, em nossa família, estava ligada a muitos anos de convivência e fé.

De repente, Regine virou-se em minha direção. Fixou os olhos nos meus por um instante, o que permanece profundamente nítido na minha lembrança. Não pronunciou palavra. Ainda assim, recebi aquele olhar como reconhecimento de minha presença e, talvez, do passe que lhe oferecia. Interiormente, foi como se me dissesse: “Eu te percebi.” Essa frase traduz minha impressão afetiva, não uma comunicação verbal que ela tenha realizado.

Recordo também a **coloração incomum** que percebi em seus olhos, num tom vermelho-dourado, sem o branco que habitualmente distinguimos. A imagem me impressionou tanto que, mesmo perseverando na oração, não conseguia afastá-la dos pensamentos. E de imediato, minha mãe voltou-se à posição anterior. Continuei por mais algum tempo em recolhimento e, então, deixei a casa.

Alguns minutos depois, ela desencarnou. Eu já não estava presente. As cuidadoras que a acompanhavam relataram que a despedida fora excepcionalmente serena, ocorrendo num suspiro cuja expressão lhes pareceu de profundo bem-estar. Uma delas se referiu àquela passagem como das mais tranquilas que havia presenciado. O relato pertence às observações delas; não posso afirmar, a partir dele, o que minha mãe efetivamente experimentou naquele instante.

Permaneceu comigo o último olhar. Talvez fosse apenas o reconhecimento de um filho junto ao leito. Talvez tenha percebido o gesto de assistência. Não sei. E considero desnecessário preencher essa incerteza com uma explicação que os acontecimentos não permitem estabelecer. A cena possui valor próprio: *uma mãe e um filho se reconheceram em silêncio, pouco antes de uma separação física.*

Ao recordar sua trajetória, compreendo que a resignação daquele último mês não surgiu isoladamente. Era possível reconhecer alguma continuidade entre a mulher que enfrentara a viuvez, acompanhara a educação dos filhos, administrara obras assistenciais e persistira no serviço até idade avançada, e

aquela que, nos dias finais, aceitava os cuidados sem abandonar a serenidade. Não afirmo que uma vida dedicada ao bem garanta uma morte tranquila; o sofrimento e o modo de partir não medem o valor moral de ninguém. Refiro-me somente ao percurso de minha mãe, tal como pude testemunhá-lo.

Regine Abreu deixou-nos em 2 de maio de 2024. Sua lembrança permanece na família, nas amizades e nas instituições às quais serviu. A última lição que dela recebi não foi uma frase pronunciada no leito, mas a maneira como, no período final, me pareceu reunir **aceitação, serenidade, conhecimento e saudade contida**. Se o trabalho foi uma das marcas mais visíveis de sua existência, a resignação foi, para mim, a expressão mais significativa de sua despedida.

Nota sobre o testemunho e as fontes

Este relato é apresentado na primeira pessoa, como memória familiar de Hélio Abreu Filho. A trajetória doméstica, os sintomas observados, a sequência das consultas, as conversas, o último passe e as impressões acerca dos meses finais provêm de seu testemunho. As percepções que interpreta como experiências mediúnicas foram conservadas nessa condição, sem serem apresentadas como fatos cientificamente demonstrados. As datas das gestões institucionais e a homenagem ao nome de Regine foram confrontadas com registros públicos.

Referências

SEOVE – SOCIEDADE ESPÍRITA OBREIROS DA VIDA ETERNA. Nossa história. Florianópolis: SEOVE, [s. d.]. Disponível em: <https://seove.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 19 out. 2026.

SERTE – SOCIEDADE ESPÍRITA DE RECUPERAÇÃO, TRABALHO E EDUCAÇÃO. Transparência – governança: ex-presidentes. Florianópolis: SERTE, [s. d.]. Disponível em: <https://serte.org.br/a-serte/transparencia-governanca-2/>. Acesso em: 19 out. 2026.

SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa. Diário da Assembleia, Florianópolis, n. 6.041, 28 maio 2009, p. 18. Disponível em: <https://www.alesc.sc.gov.br/diarios/pdf/6041dia.pdf>. Acesso em: 19 out. 2026.

ABREU, Marco Aurélio. Tribunal pesa a ação de solidariedade. Notícias do Dia, 18 jun. 2024. Reprodução com nota em homenagem a Regine Abreu. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/tribunal-pesa-a%C3%A7%C3%A3o-de-solidariedade-marco-aur%C3%A9lio-abreu-8ziyf>. Acesso em: 19 out. 2026.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (USE). Ata da 42ª reunião extraordinária da Diretoria Executiva, 17 maio 1976. Registro do telegrama da

Federação Espírita Catarinense comunicando o desencarne de seu presidente Hélio Abreu. Disponível em: <https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2021/05/1976-DE.pdf>. Acesso em: 19 out. 2026.